

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

EDUARDA ROCHA BORGHELOTT

**ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO  
NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-  
SOCIAL**

PATO BRANCO - PR

2020

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

EDUARDA ROCHA BORGHELOTT

**ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO  
NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-  
SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras  
Português/Inglês da Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná Campus  
Pato Branco como requisito parcial para  
aprovação na disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada –  
Sociolinguística  
Orientador (a): Susiele Machry da Silva.

PATO BRANCO – PR  
2020



## DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **Eduarda Rocha Borghelott**

Título: ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL.

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 26/11/2020,

pela comissão julgadora:

---

**Profa. Dra. Susiele Machry da Silva - UTFPR Pato Branco**  
Orientador (a) e Presidente da Banca

---

**Profa. Dra. Maria Ieda Almeida Muniz – UTFPR Pato Branco**  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

---

**Profa. Dra. Marcele Garbin Dagios – UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

**VISTO E DE ACORDO:**

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Rosangela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida e por ter me permitido trilhar este caminho, pelos desafios e felicidades encontradas.

Com muito amor, agradeço aos meus pais, Eri e Marizete, e minha irmã, Eloísa, que sempre me incentivaram e me apoiaram incondicionalmente em todas as situações, sem vocês eu não conseguiria. Obrigada por estarem ao meu lado!

A minha orientadora, professora Dra. Susiele Machry da Silva, por me apresentar, desde o final do primeiro ano de graduação, o mundo da pesquisa mostrando como este pode ser lindo e desafiador. Grata pelos seus ensinamentos, pela paciência, competência, compreensão, pelas oportunidades e dedicação durante todo o período de iniciação científica e no processo de monografia.

As minhas colegas que sempre se mostraram compreensivas em todas as situações. Obrigada por compartilharem comigo alegrias, angústias, preocupações e torcidas.

Ao Departamento de Letras e aos professores do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, pelos ensinamentos e por contribuírem com a minha formação.

Por fim, a todos que me ajudaram diretamente ou indiretamente ao longo destes anos, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O presente estudo possui como temática principal a realização de uma análise histórico-social da variante rotacismo, desde o latim vulgar ao português brasileiro, averiguando como este se apresenta atualmente no município de Francisco Beltrão, localizado na região sudoeste do estado do Paraná. Busca-se, no que se refere ao atual momento da língua, analisar se esta variante ainda está em uso na comunidade em estudo, assim como os fatores sociais, linguísticos e estilísticos que possam influenciar na produção do processo. O Rotacismo, de acordo com Câmara Jr. (1970), caracteriza-se pela realização da troca da lateral /l/ pela líquida /r/, podendo ocorrer em contexto de coda de sílaba (como em sal~sar; sol - sor) e/ou no contexto de onset complexo (como em blusa~brusa). Para a investigação e análise da produção do rotacismo desde o latim vulgar ao português brasileiro, a pesquisa tem como respaldo os estudos realizados por Ali (1971), Silva Neto (1977) e Coutinho (1976). Para a elaboração dos aspectos metodológicos e composição da amostra e construção dos instrumentos, o presente estudo buscou respaldo nas propostas de Labov (1972, 2008) e Tarallo (2008). A seleção dos sujeitos foi realizada pelo método aleatório estratificado, contemplando as variáveis faixa etária, sexo e escolaridade. Foram propostos três momentos para a realização das entrevistas, a saber: (I) nomeação e descrição de imagens; (II) produção de frases e (III) conversa informal sobre temas diversos. Participaram do estudo 12 informantes domiciliados no município de Francisco Beltrão, com média de idade entre 18 a 80 anos, sendo 6 informantes do sexo feminino e 6 do sexo masculino. A aplicação da variante rotacismo pode ser verificada - por meio de documentos, registros históricos e obras literárias - na língua desde o latim vulgar perpassando ao português brasileiro. No município de Francisco Beltrão, quanto a ocorrência do fenômeno, os resultados apontam para um baixo índice de produção do rotacismo, observando-se esse mais presente na fala de informantes mais velhos e menos escolarizados.

**Palavras-Chave:** Rotacismo. Sociolinguística. Variação Linguística.

## ABSTRACT

The present study has as its main theme the realization of a historical-social analysis of the varacity variant, from vulgar Latin to Brazilian Portuguese, investigating how it currently presents itself in the city of Francisco Beltrão, located in the southwest region of the state of Paraná. We seek to analyse, with regard to the current momento of the language, whether this variant is still in use in the target community, as well as the social, linguistic and stylistic factors that may influence the production of the process. Rotacism, according to Câmara Jr. (1970), is characterized by the exchange of lateral / l / by liquid / r /, which can occur in the context of syllable coda (as in sal ~ sar; sol - sor) and / r / or in the context of complex onset (as in blouse ~ blouse). For the investigation and analysis of the production of rotacism from vulgar Latin to Brazilian Portuguese, the research is supported by the studies carried out by Ali (1971), Silva Neto (1977) and Coutinho (1976). For the elaboration of the methodological aspects and composition of the sample and construction of the instruments, the present study sought support in the proposals of Labov (1972, 2008) and Tarallo (2008). The selection of the subjects was carried out using the stratified random method, considering the variables age group, gender and education. Three moments were proposed for the interviews, as follow: (I) naming and description of images; (II) production of phrases and (III) informal conversation on different topics. Twelve informants domiciled in the city of Francisco Beltrão participated in the study, with an average age between 18 and 80 years old, with 6 female informants and 6 male. The application of the rotacism variant can be verified - through documents, historical records and literary works - in the language from ordinary Latin to Brazilian Portuguese. In the city of Francisco Beltrão, regarding the occurrence of the phenomenon, the results point to a low rate of production of rotacism, which is more present in the speech of older and less educated informants.

**Key words:** Rotacism. Sociolinguistics. Linguistic Variation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da ocorrência do rotacismo em posição de coda silábica e em posição de onset complexo .....	21
Figura 2: Estado do Paraná – localização do município de Francisco Beltrão .....	33
Figura 3: (i) nomeação e descrição de imagens.....	36

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alternância entre consoantes líquidas na formação da língua portuguesa padrão .....	26
Quadro 2 – Estratificação dos informantes por célula .....	35
Quadro 3 – estratificação de informantes por idade .....	44
Quadro 4 – Aplicação do rotacismo por faixa etária .....	44
Quadro 5 – Aplicação do rotacismo por escolaridade .....	45
Quadro 6 – Aplicação do rotacismo conforme instrumento .....	46
Quadro 7 – Aplicação do rotacismo conforme idade .....	48
Quadro 8 – Aplicação do rotacismo conforme sexo .....	48
Quadro 9 – Aplicação do rotacismo conforme item lexical .....	51



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aplicação da variante Rotacismo.....	43
Gráfico 2 – Aplicação do rotacismo por informante.....	50
Gráfico 3 - Aplicação do rotacismo por classe gramatical.....	52
Gráfico 4 - Aplicação do rotacismo conforme posição na sílaba.....	53

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	14
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA .....	14
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO ROTACISMO .....	21
2.3 ROTACISMO NA HISTÓRIA DA LÍNGUA.....	24
2.4 ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	29
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	32
3.1 O MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO .....	32
3.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES.....	34
3.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	36
3.4 VARIÁVEIS INVESTIGADAS .....	37
3.4.1 Variável Dependente.....	38
3.4.2 Variável Linguística .....	38
3.4.2.1 Posição na sílaba .....	38
3.4.3 Variáveis Sociais .....	39
3.4.3.1 Faixa Etária .....	39
3.4.3.2 Sexo .....	39
3.4.3.3 Escolaridade.....	40
3.4.4 Variável Estilística .....	41
3.4.4.1 Instrumentos.....	41
<b>3.5 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	42
<b>4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	42
4.1 TOMADA DE DECISÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS RODADAS .....	43
4.2 PRIMEIRA RODADA.....	44
4.2.1 Faixa Etária .....	44
4.2.2 Escolaridade.....	45
4.2.3 Instrumentos.....	46
4.3 SEGUNDA RODADA .....	47
4.3.1 Idade .....	47
4.3.2 Sexo .....	48
4.4 PRODUÇÃO POR INFORMANTE .....	49
4.4.1 Itens Lexicais.....	51
4.4.2 Classe gramatical.....	52
4.4.3 Posição na sílaba .....	53

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	57
<b>ANEXOS</b> .....	60
ANEXO A .....	60
ANEXO B .....	67
ANEXO C .....	69

## 1 INTRODUÇÃO

A variação, como fenômeno inerente à língua, faz com que sejam observados usos ou formas consideradas inovadoras, diferentes do que se tem como padrão na língua. Isso ocorre devido à heterogeneidade da língua, motivada por aspectos geográficos e regionais, posições sociais e econômicas e formação histórica das comunidades de fala.

Nesse contexto, estudos sociolinguísticos que procurem entender a produção de fenômenos linguísticos tornam-se cada vez mais importantes, contribuindo para o entendimento da variação, e assim evitando a estigmatização dessas variantes que recebem, por muitas vezes, um status de desprestígio social. Um dos trabalhos pioneiros no campo da sociolinguística laboviana, se deu por meio da publicação da obra *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, em 1968, por Weinreich, Labov e Herzog, em que é proposta uma análise sistemática para a heterogeneidade linguística. Posteriormente, a obra de Labov (1972) - *Sociolinguistic patterns* sistematiza o trabalho sociolinguístico em comunidades de fala, a partir de correlatos linguísticos e sociais. Esses estudos auxiliam na realização de mapeamentos linguísticos que possibilitam visualizar os caminhos e as direções da mudança linguística.

A alternância do uso das consoantes líquidas da lateral // pelo tepe /r/<sup>1</sup> na posição de coda de sílaba e/ou na posição de onset complexo, caracterizada como rotacismo, é considerada uma variante inovadora não padrão, pois foge do proposto pela língua padrão. Esse fenômeno, segundo Câmara Jr. (1970), se caracteriza pela realização da troca da lateral // pela líquida /r/, podendo ocorrer em coda de sílaba (como em *balde~barde; sol - sor*) e/ou na posição de onset complexo (como em *planta~pranta*). São assim, encontradas formas como “salto” produzidas como “sarto” e/ou “flor” como “fror”. O uso dessa variante não é exclusivo do português brasileiro. Historicamente, o processo pode ser verificado desde o latim vulgar. Dentro do documento *Appendis Probi*<sup>2</sup> já havia indícios do uso do rotacismo “O item 77 da lista, por exemplo, consiste de ‘flagellum non fragellum’, ou seja, devia-se falar com a lateral e não com a vibrante” (COSTA, 2006, p.50).

---

<sup>1</sup> Com a possibilidade de ocorrer o r retroflexo

<sup>2</sup> Consiste em uma lista de palavras com pronúncias utilizadas no latim vulgar, consideradas errôneas e, ao lado dessas, a pronúncia considerada correta.

Em algumas palavras herdadas do latim para o português brasileiro houve a sobreposição de // pelo /r/, como exemplificam formas como plāgam > praia, placĭvm > prazo, ecclesĭam > igreja. No português de Portugal, segundo Ali (1971), a ocorrência do rotacismo pode ser identificada em algumas obras literárias e documentos como em “Os Lusíadas” de Camões, obra na qual o termo “inglês” é proferido “ingres” e na carta de Pero Vaz de Caminha em que se registram trocas de “concruir” por “conclusão”, “parma” por “palma”.

Apesar da ocorrência da variante rotacismo desde o latim vulgar, perpassando até hoje a língua portuguesa, verifica-se na sociedade uma estigmatização dos falantes que realizam o fenômeno. A troca de // por /r/ pode ser socialmente avaliada como “errada” e atribuída a falantes do meio rural e com pouca escolaridade.

Frente ao exposto, o objeto de estudo deste trabalho é a realização de uma análise histórico-social do fenômeno rotacismo, desde o latim vulgar ao português brasileiro, averiguando como este se apresenta atualmente no município de Francisco Beltrão, Paraná. Busca-se, no que tange ao atual momento da língua, analisar se esta variante ainda está presente, assim como as variáveis sociais, linguísticas e estilísticas que influenciam na produção do rotacismo em Francisco Beltrão.

O estudo tem, dessa forma, como objetivo geral compreender o fenômeno linguístico rotacismo por meio de uma perspectiva histórico-social do processo na formação da língua portuguesa, observando como se apresenta no estágio atual da língua, com base em dados de fala do município de Francisco Beltrão, averiguando seu uso em uma comunidade de fala, tal como segue a proposta da Sociolinguística Quantitativa na linha laboviana (LABOV, 1972). Os objetivos específicos são: (i) investigar quais os fatores sociais são apontados como motivadores da ocorrência do processo, analisando estes na comunidade investigada; (ii) entender o processo histórico do rotacismo e como se apresenta hoje no português brasileiro, verificando na fala as alternâncias do uso da lateral // e tepe /r/, na posição de coda de sílaba, e/ou na posição de onset; (iii) verificar quais os fatores estilísticos apresentam papel na produção do processo, investigando se esse é mais recorrente em uma fala direcionada ou em fala espontânea.

Com a finalidade de analisar a ocorrência da variante rotacismo no município de Francisco Beltrão, bem como entender fatores sociais, linguísticos e estilísticos, que possam influenciar na sua realização ou não, a pesquisa toma como base os

pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana. A composição da amostra buscou respaldo nas propostas de Labov (1972, 2008) e Tarallo (2008). A seleção dos sujeitos foi realizada pelo método aleatório estratificado, contemplando as variáveis cidade, idade, sexo e escolaridade. Foram propostos três momentos para a realização das entrevistas, a saber: (I) nomeação e descrição das imagens; (II) produção de frases e (III) conversa informal sobre temas diversos. Participaram do estudo 12 informantes. Como aporte teórico na investigação do processo histórico da variante, segue-se os estudos realizados por Ali (1971), Silva Neto (1977) e Coutinho (1976).

O presente trabalho encontra-se estruturado em 5 seções. Nesta primeira está contida a parte introdutória, abordando aspectos gerais com apresentação de temática e objetivos gerais. Em seguida, o embasamento teórico utilizado para a realização da pesquisa, a metodologia de coleta e análise dos dados, a descrição e discussão dos resultados e, por fim as considerações finais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo traz discussões a respeito do surgimento e a concretização da Sociolinguística, as características do processo rotacismo e como ele se manifesta na fala, contemplando a ocorrência da variante ao longo da história da língua, como o uso do rotacismo no português brasileiro atual.

O presente capítulo encontra-se dividido em quatro momentos. O primeiro refere-se a Sociolinguística; em seguida, trata-se sobre a caracterização do processo rotacismo; em sequência, é abordado o rotacismo na história da língua; e, por fim, o rotacismo no português brasileiro atual.

### 2.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística surge efetivamente no século XX e chega no Brasil no ano de 1970. O termo “sociolinguística”, segundo Cezario e Votre (2008), emerge no cenário linguístico em 1950, porém, anteriormente, já haviam sido realizados estudos abordando a relação entre língua e sociedade<sup>3</sup>. De acordo com Mollica (2004, p. 9), a Sociolinguística pode ser definida como “[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.”.

Essa surge como uma reação ao modelo gerativista que prezava a homogeneidade linguística, ignorando a possível influência do componente social “[...]. Segundo Chomsky (1965), o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea.” (TARALLO, 2008, p.6).

Para a corrente estruturalista, que seguia como respaldo teórico o estudioso Ferdinand Saussure, considerado inaugurador da linguística moderna, a língua deveria ser analisada de forma isolada, retirando-a de seu meio com seus fatores sociais e considerando-a como uma realidade homogênea e abstrata.

Saussure é um marco da corrente linguística denominada estruturalismo, segundo a qual a língua (i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; (ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações

---

<sup>3</sup> Meillet (1866-1936) e Bakhtin (1895-1975)

de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. (COELHO *et. al*, 2010, p. 13).

O francês Antoine Meillet (1866-1936) foi um dos primeiros a postular uma concepção social da língua, abordando o meio em que estava inserida. Meillet (1866-1936) tratou a língua como um fato social de caráter evolutivo, ou seja, de constante desenvolvimento. O teórico explorou essa perspectiva por meio de uma tentativa de explicar as mudanças ocorridas na fala dos franceses no início do século XX, baseando-se na estrutura social:

Meillet (1926), procurando uma explicação para as mudanças linguísticas na França, afirmou que toda modificação na estrutura social acarreta uma mudança nas condições nas quais a linguagem se desenvolve e que, portanto, a história das línguas é inseparável da história da cultura e sociedade. (CEZÁRIO; VOTRE, 2008, p. 147).

O precursor do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa foi o americano William Labov, o qual fundamenta-se em ideias propostas por Antoine Meillet (1866-1936). Como obra pioneira, Weinreich, Labov e Herzog, em 1968, publicaram o livro *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, na qual propõem uma nova perspectiva sobre linguagem, adotando uma visão sistemática sobre a heterogeneidade linguística. A obra também aborda a mudança linguística de maneira sincrônica como algo natural e incontrolável, porém sistemática e não como um caos linguístico.

A sistematização ocorre por meio da análise dos fatores condicionantes, de transição, de encaixamento, de implementação e de avaliação. O primeiro trata-se das causas que contribuem para a produção das variantes, o segundo refere-se a como as variantes são adquiridas por outros sujeitos e outros contextos estruturais, o terceiro compreende aos processos que possam influenciar no encaixe do uso de variantes em determinada sociedade, o quarto seria o grau de acessibilidade de determinada variante, ou seja, quais os fatores que influenciam na sua expansão, e por fim, o quinto fator aborda a avaliação instituída pelos membros da sociedade, na qual a variante pode ser julgada de forma positiva ou negativa.

É com a concretização do surgimento da Sociolinguística que a língua recebe o status de fato social, logo, deve ser analisada não apenas de maneira isolada, mas



em seu próprio contexto social de uso, considerando sua heterogeneidade e investigando os fatores que possam influenciar na variabilidade.

Certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los a nossas análises da estrutura linguística. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968 *apud* PAIVA, DUARTE, 2006, p.136).

O americano William Labov realizou significativos trabalhos, como *The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard*, Massachusetts em 1963 e *The Social Stratification of English in New York City* (1966), envolvendo a relação entre língua e sociedade sendo esses aplicados em comunidades reais de fala, que tinham como foco observar a fala por meio de uma perspectiva social e heterogênea.

O estudo realizado sobre o inglês falado, em 1963, na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts nos Estados Unidos, fez parte da dissertação de mestrado de William Labov. A pesquisa tratava da variação dos ditongos [ay], como em "right", e [aw], como em "house", relacionados com fatores sociais - como idade, etnia, sexo, e região da ilha (*Up-Island* (área rural) e *Down-Island* (centro urbano) – e fatores linguísticos – como ambiente fonético, fatores prosódicos, influência estilística e léxico - dos habitantes da ilha.

Posteriormente, Labov realizou o estudo intitulado *The Social Stratification of English in New York City*, esse se refere a língua do gueto, o vernáculo utilizado por adolescentes negros em Nova Iorque (1966) e a estratificação social. Labov investigou a presença e/ou ausência de /r/ em posição pós-vocálica, como em *car* e *four*, buscando averiguar se esse poderia ser um diferenciador social. A pesquisa foi realizada com empregados que trabalhavam em três lojas de departamento de Nova Iorque, sendo uma de classe média alta, uma de classe média baixa e uma de classe baixa. Os resultados obtidos mostraram que empregados que trabalhavam na loja de departamento de maior nível socioeconômico aplicaram mais o /r/, enquanto os empregados que trabalhavam em lojas de menor nível socioeconômico, realizaram menor uso do /r/ pós-vocálico.

Com a publicação da obra *Sociolinguistic Patterns* de Labov (1972), consolidou-se o modelo teórico metodológico da Teoria da Variação ou da Sociolinguística Quantitativa, que tem como principais características:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente dentro da comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. [...] O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. (COELHO *et. al*, 2010, p. 22).

As variações são inerentes à língua, as quais segundo Bortoni-Ricardo (2017), atuam como uma marca identitária do sujeito, definindo e classificando-o em grupos sociais. A heterogeneidade não significa caos linguístico, pois apesar de sua atuação os sujeitos conseguem estabelecer comunicação:

[...] somos levados a assumir que a variação pode ser sistematizada. Não se trata, portanto, de um caos linguístico. Uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o fato de os indivíduos de uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas. (COELHO *et.al*, 2010, p.23-24).

Segundo Bortoni-Ricardo (2017), a Sociolinguística pode ser considerada uma ciência autônoma e interdisciplinar, devido ao relativismo cultural e à heterogeneidade linguística inerente à língua. Quanto ao relativismo cultural, caracteriza-se como:

O relativismo cultural é uma postura adotada nas ciências sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. (BORTONI-RICARDO, 2008 *apud* BORTONI-RICARDO, 2017, p. 12).

O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, também caracterizada como vernáculo, que de acordo com Tarallo (2008, p.19) se define como “a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação.”. Essa é utilizada em situações reais, e habita o seio das comunidades de fala juntamente com todas as variações existentes.

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as

alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. (MOLLICA, 2004, p. 10).

As variações linguísticas, conforme Tarallo (2008) são classificadas variantes e definidas como: “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.” (TARALLO, 2008, p. 8). Essas emergem em um contexto do uso da língua; sendo ela viva, está sujeita a diversas transformações no decorrer de sua formação e aplicação. As variações na língua, segundo Silva Neto (1977), são motivadas por fatores regionais, sociais e históricos.

Que as línguas faladas no Brasil diferem das portuguesas é fato indiscutível e natural, porque a língua corrente varia de acordo, não só com os lugares, como também com pessoas, as épocas, e até com as circunstâncias. (SILVA NETO, 1977, p. 19).

Dentro do grupo de variantes, Tarallo (2008) observa dois grupos: variantes-padrão/conservadora e variantes não-padrão/inovadoras. A variante padrão e conservadora, normalmente, deleita o prestígio social, enquanto a variante não-padrão/inovadora é estigmatizada pela sociedade. Em alguns casos a situação se inverte, a aceitação ou não de uma variante pelos membros da sociedade, de acordo com Tarallo (2008, p. 12) “trata-se somente de uma questão de atitude sociolinguística dos membros de uma comunidade”. Dentro dessa perspectiva, estudos sociolinguísticos auxiliam na quebra de preconceitos linguísticos, mostrando que não há uma maneira correta ou errada de falar, e sim, formas distintas:

Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção do erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, 2004, p. 13).

A utilização de variantes pode ser motivada por fatores estruturais e/ou internos ou fatores de natureza social e/ou externas; esses fatores são chamados de variáveis. Essas são definidas como “[...] os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante.” (COELHO *et. al*, 2010, p.28). As variáveis podem ser determinadas como dependentes e independentes “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas

influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural". (MOLLICA, 2004, p.11).

De acordo com Mollica (2004), os fatores estruturais tratam de implicações sistemáticas da língua relacionada a questões lexicais, morfossintáticas, semânticas e discursivas; os fatores sociais, por sua vez, se relacionam com as características do indivíduo como sexo, etnia, faixa etária, escolaridade, entre outros.

No conjunto de variáveis internas, encontra-se os fatores de natureza morfossintáticas, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significando e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). (MOLLICA, 2004, p. 11).

Segundo Mollica (2004), as variáveis não agem de maneira isolada, e sim mantêm uma correlação que favorece a aplicação de uma variante. Quanto às variáveis sociais, a autora afirma que não se pode padronizá-las como determinantes no uso das variantes, mas é possível averiguar qual a influência que essas operam. As variáveis sociais como faixa etária, sexo e escolarização, de acordo com Paiva & Scherre (1999), possibilitam a constatação de tendências divergentes na mesma comunidade de fala.

Concebidas na forma de escalas que controlam a relação quantitativa e qualitativa dos falantes com os produtos culturais (como mídia, televisão e escrita, cinema, teatros e outros) sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno (apartamentos, carros, telefones, viagens etc.) e suas expectativas em relação ao futuro, variáveis como bens materiais, bens culturais e motivação vêm insinuando uma outra forma de exame de variação sociolinguística. (...) Conjugadas com as variáveis mais convencionais, como idade, sexo e escolarização essas variáveis mais refinadas permitem detectar tendências divergentes no interior da mesma comunidade de fala. (...) Revela-se, portanto, estreita correlação entre complexidade social e os processos de variação. (PAIVA & SCHERRE, 1999, p. 220-21 apud MOLLICA, 2004, p.30).

Desse modo, as variáveis condicionam o uso das variantes, cabendo a sociolinguística investigar o papel que essas operam no uso das variantes e o impacto positivo ou negativo que as variáveis podem causar.

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo

sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (MOLLICA, 2004, p.11).

Para a realização de pesquisas sociolinguísticas, é necessária a investigação dentro de comunidades de fala em busca da obtenção de dados linguísticos, ocorrendo por meio de entrevistas gravadas com informantes “[...] não é propriamente o indivíduo que interessa ao pesquisador sociolinguista, mas o grupo social no qual ele vive e com qual ele interage.” (COELHO *et.al*, 2010, p.113). A seleção dos informantes para a composição da amostra, seguindo a proposta de Labov, deve ser feita de maneira aleatória de acordo com dimensões sociais previamente estipuladas, ou seja,

Cada sujeito de uma população/comunidade tem igual chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa – trata-se de uma amostra probabilística, cujos resultados podem, depois, ser projetados para a comunidade de fala como um todo, ou seja, podem ser generalizados. Parte-se, então, para uma localização aleatória dos informantes, desde que se contemplem as características sociais já definidas [...]. (COELHO *et.al*, 2010, p. 115).

Durante a captação de dados linguísticos é preciso romper com o constrangimento que pode ser causado pela presença do pesquisador, fazendo com que o falante monitore a sua fala afastando-o do vernáculo; essa interferência é nomeada por Labov (2008) como “Paradoxo do Observador”. Para a minimização dos efeitos causados pelo Paradoxo do Observador, Labov (2008) propõe a realização de entrevista de experiência pessoal, abordando temáticas que familiarizem o informante, trazendo a fala espontânea e natural. Tarallo (2008), com base em Labov, também propõe que o pesquisador assuma o papel de “aprendiz-interessado”, mostrando-se empenhando em relação aos fatos comentados pelo entrevistado.

Uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada (cap3). Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolve-la em outros contextos. (LABOV, 2008, p. 244-245).

Tendo como base a teoria da Sociolinguística Laboviana, o presente trabalho busca analisar a variante rotacismo, fenômeno que se caracteriza pela troca da lateral

// pelo tepe /r/ ocorrendo na posição de coda de sílaba, como em *calçado* ~ *carçado*, e/ou na posição de onset complexo, como em *bicicleta* ~ *bicicreta*; no município de Francisco Beltrão e averiguar quais os fatores sociais, linguísticos e estilísticos que possam ser apontados como motivadores da ocorrência do processo.

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DO ROTACISMO

O termo rotacismo, segundo Dickey, (1977 apud COSTA, 2006), surgiu com gramáticos latinos e indo-europeus, sendo utilizado para denominar a transformação de um som não rótico para rótico. De acordo com Câmara Jr. (1970), o fenômeno rotacismo caracteriza-se pela troca da lateral // pela líquida /r/. Essa troca pode ocorrer em dois ambientes silábicos, na posição de onset complexo (*blusa*~*brusa*) e na posição de coda<sup>4</sup> (*calçado*~*carçado*; *sal*~*sar*), como exemplificadas a seguir:

Figura 1: Representação da ocorrência do rotacismo em posição de coda silábica e em posição de onset complexo



Fonte: autora

Quanto à tendência de aplicação da variante rotacismo nas posições possíveis, a pesquisadora Castro (2006) analisou em sua tese dois atlas linguísticos dos estados de Minas Gerais – “Esboço de um atlas linguísticos de Minas Gerais” (RIBEIRO et al., 1977) – e do Paraná – “Atlas Linguístico do Paraná” (AGUILERA, 1994) – abordando as manifestações de /r/ nas posições de onset complexo e coda silábica. No estado

<sup>4</sup> Na posição de coda silábica podem ocorrer diferentes formas fonéticas de róticos como tepes, fricativas, vibrantes e aproximantes. Neste estudo, optou-se por usar a forma tepe, que tende a ser mais recorrente nesta posição.

do Paraná, Castro (2006) verificou que na posição de onset complexo, a variante ocorre com menor frequência quando há a presença de /r/ no interior da palavra:

Conforme os dados analisados, o rotacismo no encontro consonantal é amplamente registrado no desempenho dos paranaenses no que diz respeito a eclipse, glândula e neblina, ocorrendo em menor índice na realização de flor e clara. (Nossa hipótese é que, com a manutenção da lateral em flor e clara, evita-se uma sequência de sons de mesma natureza- fror, crara). (CASTRO, 2006, p. 215).

Em posição de coda silábica, Castro (2006) observou que houve maior incidência no interior de palavras (*alçapão ~ arçapão*) do que ao final de palavras (*anzol ~ anzor*), “[...] como se observa em sol, girassol e anzol, a troca da líquida nunca é predominante, e tem, em consequência, uma distribuição mais restrita. No segundo caso, o de calcanhar e alçapão, o rotacismo é geral e predominante” (CASTRO, 2006, p. 221). No estado de Minas Gerais, a pesquisadora verificou maior aplicação do rotacismo em posição de onset complexo do que na posição de coda de sílaba “Considerando o conjunto dos dados, pode-se afirmar que, de um modo geral, o rotacismo foi acusado em índices mais significativos no encontro consonantal que na posição pós-vocálica [...]” (CASTRO, 2006, p. 131).

A lateral // e a não lateral /r/ são classificadas como consoantes líquidas, essas podem ocupar na sílaba a posição de onset e coda. As consoantes líquidas, segundo Chomsky e Halle (1968 apud COSTA, 2006), são consideradas como soantes, consonantais e silábicas.

As líquidas do Português Brasileiro (PB), em termos de sistema fonológico, são //, /λ/, /R/ e /r/. A líquida // é observada nas posições de onset (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, em geral, é produzida como o glide [w], em termos de estrutura silábica, este fonema pode compor o onset simples e complexo; o /λ/ ocorre na posição de onset medial e em poucas palavras, na posição de onset inicial; o /R/ apresenta-se em onset inicial e medial e na posição de coda na maioria dos Estados brasileiros; o /r/ apresenta-se em onset simples (medial) e em onset complexo, além de ser produzido em coda medial e final na região sul do Brasil. (WIETHAN *et. al*, 2010, p. 607).

As consoantes líquidas têm como característica uma grande tendência à variação alofônica<sup>5</sup> podendo ocorrer alternância entre róticos, laterais, róticos e

---

<sup>5</sup> Realização de uma variação dentro de uma unidade linguística, porém sem ocorrência de modificação da sua função/sentido.

laterais, e laterais e róticos. As variações entre as líquidas não são característica específica do português brasileiro. Segundo Costa (2011), essas também decorrem em outras línguas como nasioi, barasano, tucano e coreano. Especificamente na alternância entre laterais e róticos, Ladefoged e Maddieson (1996 apud COSTA, 2011, p.17) apontam essas como resultado de articulação:

Ao tratar da relação dos róticos com as laterais, Ladefoged e Maddieson (1996) citam como um membro em comum dos dois tipos de sons o lateral flap. Este som seria articulado como um tepe, com o contato balístico da ponta da língua na região alveolar, entretanto durante este contato um lado da língua não encostaria no palato e permitiria o escape lateral do ar. Esta manobra articulatória resultaria em um som que auditivamente poderia ser reconhecido tanto como um /r/ como um //.

Quanto aos róticos no português brasileiro, de acordo com Lima (2013), pode-se observar variadas ocorrências como o tepe, a aproximante, o retroflexo, a vibrante e as fricativas. Na produção do rotacismo, em posição de onset complexo há a aplicação com a variante tepe. Em posição de coda silábica, há a possibilidade da aplicação do tepe e/ou do retroflexo; segundo Lima (2013), o mais recorrente nesse contexto é o retroflexo “[...] o ‘r’ que é o foco desta pesquisa, tais como, a ocorrência de rotacismo em final de sílaba, e queda do fonema ‘r’ em final de palavra; O ‘r’ em final de palavra no dialeto caipira, é realizado tipicamente por sons retroflexos [...]”. (LIMA, 2013, p.71).

O fenômeno rotacismo é considerado uma variante. Esse é tido como uma variante inovadora, pois ao invés de o falante fazer o uso da norma padrão, ele realiza a troca de // pelo /r/. O uso dessa variante inovadora não goza do prestígio social, sendo estigmatizada e considerada como uma forma errônea de uso na avaliação social.

A vocalização do /ʌ/, a assimilação -nd- > -nn- > -n- e o rotacismo são fenômenos que caracterizam as variedades não-padrão (sobretudo rurais) do português do Brasil e que, por isso, recebem uma forte carga de estigmatização, isto é, sofrem um grande preconceito por parte dos falantes das variedades urbanas. (BAGNO, 2007, p. 93).

Segundo Bagno (2007), a estigmatização social ocorre devido ao não reconhecimento da diversificação das línguas faladas pelos integrantes de uma comunidade discursiva, que por sua vez, seleciona e abraça como aceitável apenas o uso da norma culta, difamando e ridicularizando o uso da língua não padrão. Bagno



(2007) caracteriza esse processo como o “mito da língua única”, o qual carrega uma carga de incoerência, pois não se baseia em uma realidade da língua como fato social, mas em uma perspectiva falsa de como a língua deveria ser.

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 2007, p. 16).

O rotacismo, variante em análise neste estudo, não obstante, não é algo recente na língua; a troca de /l/ por /r/ ocorre desde o latim vulgar, sendo transmitido para o português arcaico ou antigo e transpassado para o português brasileiro, como observaremos na seção seguinte intitulada “Rotacismo na história da língua”.

### 2.3 ROTACISMO NA HISTÓRIA DA LÍNGUA

No latim, de acordo com Coutinho (1976), havia sobre a mesma língua duas perspectivas distintas, o latim clássico e o vulgar. Quanto ao primeiro, era de cunho gramatical e formal, utilizado na língua escrita: “Diz-se latim clássico a língua escrita [...] Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo numa palavra [...]” (COUTINHO, 1976, p. 29). O Latim vulgar, de acordo com Silva Neto (1977), refere-se ao conjunto da língua falada, com suas variações, compartilhada pela maioria da população: “Em nossa língua denominações como latim popular, latim vulgar, latim castrense são vitandas quando empregadas para designar o conjunto da língua falada.” (SILVA NETO, 1977, p.34). Essas diferentes perspectivas podem ser encontradas em alguns registros da época:

Por esses testemunhos sabia-se de há muito que a par do alto latim, houve um baixo latim, a que se deu nomes diversos segundo o ponto de vista de quem falava: sermo quotidianos, rusticus, plebeius, proletarius, militaris, vulgaris. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1956, p. 11 *apud* COSTA, 2011, p. 18-19).

Os indícios do uso da variante rotacismo aparecem em um documento sobre a pronúncia de palavras utilizadas no latim vulgar, chamado *Appendis Probi*. Segundo Silva Neto (1977), esse documento consiste em uma lista de 227 palavras com as suas respectivas correções:

Esse texto, de autor anônimo, consiste numa lista de palavras e grafias da língua corrente, seguidas pelas formas literárias. Por exemplo: *ansa non asa*. Isto é: não se deve dizer *asa*, pois é errado, mas *ansa*, que é o certo. E assim estamos de posse de uma série de fatos da língua corrente e viva, invisível, naturalmente, na língua escrita e literária. (SILVA NETO, 1977, p. 110).

Dentro desse registro, verifica-se em algumas palavras a alternância da lateral // pelo tepe /r/ como em '*flagellum non fragellum*', '*suppellex non superlex*' e '*glatri non cracli*'. Nota-se que há um desprestígio na forma em que ocorre o prevaecimento do tepe /r/, utilizado no latim vulgar, e a valorização da forma em que é utilizada a lateral //, tida como a pronúncia correta.

Naquele tempo longínquo, em que a Linguística ainda não tinha vindo demonstrar que a língua corrente é a matéria prima de onde os artistas da palavra criam as suas obras d'arte, o *sermo cotidianus* era objeto de menoscabo e menosprezo. (SILVA NETO, 1977, p. 99, grifo do autor).

No português, diversas palavras herdadas do latim sofreram mudanças em sua estrutura, sobrepondo-se a troca de // para /r/. Viaro (2015) expõe a troca nas palavras *plāgam* > praia, *placīvm* > prazo e *ecclesīam* > igreja, por exemplo. Além dessas, Bagno (2007) expõe o prevaecimento do tepe /r/ instituído nas palavras:

Quadro 1 – Alternância entre consoantes líquidas na formação da língua portuguesa padrão

PORTUGUÊS PADRÃO		ETIMOLOGIA	ORIGEM
branco	>	blank	germânico
brando	>	blandu	latim
cravo	>	clavu	latim
dobro	>	duplu	latim
escravo	>	sclavu	latim
fraco	>	flaccu	latim
frouxo	>	fluxu	latim
grude	>	gluten	latim
obrigar	>	obligare	latim
praga	>	plaga	latim
prata	>	plata	provençal
prega	>	plica	latim

Fonte: (BAGNO, 2007, p.40)

Como exposto no quadro anterior (Quadro 1), observa-se a troca de uma lateral por um rótico, principalmente em posição de onset complexo, na etimologia de palavras provenientes do latim como em sclavu > escravo, clavu > cravo, duplu > dobro, entre outros.

Do latim, derivaram-se diversos outros idiomas nomeados como neolatinos ou românicos; segundo Boas e Hunhoff (2014), essas línguas seriam o espanhol, o português, o francês, o italiano e o romano - “Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram [...]” (ALI, 1971, p. 17). O latim foi introduzido na língua portuguesa, de acordo com Coutinho (1976), por meio dos povos romanos na Lusitânia, localizada ao ocidente da Península Ibérica.

A língua portuguesa proveio do *latim vulgar* que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica. Pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É o lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformando, no grupo de línguas *românicas* ou *neolatinas*. (COUTINHO, 1976, p. 46, grifo do autor).

Ali (1971) dividiu a transformação da língua portuguesa em períodos: português antigo, usado até o século XV, e o português moderno, utilizado a partir do século XVI. Em ambos os períodos é possível encontrar o uso do rotacismo em livros

e documentos. No português antigo, o uso da variante é observado em “As Crônicas” do escrivão cronista Fernão Lopes, de acordo com Ali (1971), o cronista ao invés de utilizar o termo “*plaga*” utiliza “*praga*”.

Nos escritos do português moderno, os escritores modernizaram a linguagem e trouxeram para os textos elementos da linguagem falada: “São notáveis, sobretudo, os escritores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escrita mais de acordo com o falar corrente.” (ALI, 1971, p. 19). Entre esses textos, localiza-se a obra “Os Lusíadas” de Camões, publicado em 1572. Em “Os Lusíadas”, Camões fez o uso da variante rotacismo no termo *ingles* que profere *ingres*. De acordo com Ali (1971), o rotacismo também é identificado na Carta de Pero Vaz de Caminha, considerado o primeiro documento histórico do Brasil, na qual o autor realizou trocas em *concluir* por *concluir*, *palma* por *parma*.

Conforme Ali (1971), as trocas de /l/ por /r/ ocorrem por conta de assimilações e/ou dissimilações, devido à dificuldade de os falantes pronunciarem sons com *gl*, *fl* e *pl* vindos do latim, substituindo esses por uma chiante surda como *plenum* por *cheio*, e após, em outros termos, realizando trocas entre as consoantes líquidas.

Grupos iniciais pl-, cl-, e fi- > ch ([tʃ]) — Estes grupos iniciais sofreram, num primeiro momento, uma palatalização do l, fenômeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno ter situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o l palatal, transcrito ll; ex.: *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*, *flamma* > cast. *llama*. O mesmo aconteceu na parte oriental do leonês. Toda em galego-português e em leonês ocidental a evolução foi mais profunda: a consoante inicial seguida de l palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por ch, donde, para os três mesmos exemplos, *chaga* ([tʃaga]), *chave* ([tʃave]) e *chama* ([tʃama]). Esta evolução — e é o ponto mais importante — não se produziu na zona moçárabe. O galego-português e o leonês ocidental isolam-se, por isso, não apenas dos vizinhos do Leste, mas também dos vizinhos do Sul. Esta evolução diz respeito às palavras que constituem o fundo mais popular da língua. [...]. Convém acrescentar que noutra categoria de palavras, pertencentes a uma série menos popular, os grupos iniciais pl-, cl- e fl deram em galego-português pr-, cr- e fr-; ex.: *placere* > *prazer*, *clavu* > *cravo*, *flaccu* > *fraco*, evolução idêntica à de bi- > br-; ex.: *blandu* > *brando*. (TEYSSIER, 2001, p. 15).

No Brasil, o idioma português chegou com a vinda dos portugueses, durante a colonização. Nos primeiros anos, devido à mistura de povos, falava-se uma mescla de línguas entre o português, o português crioulo e o tupi:

Nestes núcleos constituiu-se, no primeiro século de colonização (1532-1632), na boca dos índios, negro e mestiços, um falar *crioulo* ou *semicrioulo*, rude linguajar de gente inculta, que além disso, aprendia a nova língua com intuito apenas prático de se fazer entender. (SILVA NETO, 1977, p. 127-128, grifo do autor).

A primeira passagem do ensino da língua portuguesa deu-se com os jesuítas, durante a catequização, porém os nativos não conseguiam pronunciar o som de /f/, /l/ e /r/ (r forte<sup>6</sup>), adaptando e fazendo algumas pronúncias diferentes do que era proposto. Entre essas adaptações, estão a troca de /l/ por /r/, em posição de ataque silábico “Troca-se do –l- pelo –r-: *Fidélis > Fideri*.” (SILVA NETO, 1977, p. 39).

Em consequência da diversidade quanto à formação étnica da sociedade brasileira, com a presença de portugueses, indígenas, africanos e imigrantes europeus, encontra-se na língua elementos de uma linguagem regional. A exemplo, na região nordestina, tem-se a presença do fenômeno rotacismo na posição de coda silábica, como expõe Silva Neto (1977, p. 170): “O mesmo se dá com o *r* secundário, isto é, proveniente de *l*: *alma* passa a *arma*, e daí a *aima*, *balcão* passa a *barcão* e daí a *baicão*, etc.”, que também é encontrado em um livro escrito pelo autor sergipano Clodomir Silva, ao invés de utilizar o termo “salvava” ele utiliza “sarvava” “A gente passava, *sarvava*, e ele, neim neim” (SILVA, 1926, p. 36 *apud* SILVA NETO, 1977, p. 175). De acordo com Costa (2006), o rotacismo também é verificado na linguagem regionalista do interior paulista na posição de coda de sílaba:

No que concerne ao português do Brasil, diversos tratados descritivos apontam a presença da atuação do fenômeno do rotacismo. No clássico ‘O Dialeto Caipira’ de Amadeu Amaral, cuja primeira edição data de 1920 e objetiva descrever o dialeto do interior paulista, é dito que a líquida lateral em final de sílaba muda-se para “r”: qualquér, papér, mér, arma. (COSTA, 2006, p. 56).

Verifica-se, de acordo com o exposto acima, a ocorrência do uso da variante rotacismo desde o latim vulgar, no português antigo e moderno e na linguagem regional brasileira. A troca da lateral /l/ pelo tepe /r/ pode ser identificada em documentos, registros históricos, obras literárias, e em palavras do português

---

<sup>6</sup> “é uma consoante velar que se articula com o tronco da língua aproximando-se do palato mole.” (AGUIAR, s.d *apud* SILVA NETO, 1977, p. 169).

herdadas do latim em que o tepe /r/ prevaleceu como em plāgam > *praia*, placĭvm > prazo.

## 2.4 ROTACISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL

Na região sul do Brasil, já foram publicados estudos que comprovam o uso da variante rotacismo. A pesquisa de cunho Sociolinguístico, de Costa (2006), na cidade de São José do Norte, Rio Grande do Sul, por exemplo, indica estar o uso do rotacismo em 11% dos dados de fala, entre informantes mais velhos, com baixa escolaridade. Para a composição da amostra e realização deste estudo, a autora utilizou entrevistas do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na região Sul), com 40 informantes, coletada entre os anos de 1997 e 1998.

Para identificar possíveis influências na realização do fenômeno, foram analisadas no trabalho da autora variáveis sociais e linguísticas. Dentre as variáveis sociais foram investigadas a variável sexo (masculino/feminino), faixa etária (até 40 anos, de 40 à 55 anos e mais de 55 anos) e escolaridade (0 a 4 anos de estudo, mais de 4 anos de estudo). As variáveis linguísticas investigadas foram posição na sílaba (onset complexo, coda) e sonoridade do segmento precedente (sonoro, surdo). Os resultados da pesquisa indicaram a aplicação do fenômeno rotacismo, como referido, em 11% da amostra, composta por 1316 dados.

Nas variáveis sociais, no fator faixa etária, há maior aplicação do rotacismo entre informantes pertencentes ao grupo de 55 anos ou mais, com 17% de aplicação, e entre informantes pertencentes ao grupo de até 40 anos, com 11% de aplicação. A variável escolaridade se mostrou relevante no uso do fenômeno, sendo que falantes com até 4 anos de estudo realizaram mais o rotacismo, com 14% de uso, do que informantes com mais de 4 anos de estudo, com 7%. Na variável sexo, as mulheres produziram mais o fenômeno na posição de onset complexo, com 27% de uso, em relação aos homens, com 19% de uso; já na posição de coda de sílaba, os homens produziram mais o rotacismo, com 7% de uso, do que as mulheres, 1% de uso.

Com relação às variáveis linguísticas, observa-se nos resultados da autora que a posição de onset complexo favorece a aplicação do processo, com 23%, em relação à coda silábica, com 4% de aplicação. Na variável sonoridade do segmento precedente, observa-se maior uso do rotacismo em segmento surdo (como /p/, /t/, /f/),

com 21%, do que o sonoro (como /b/ /d/ /v/) com 6%. Nos resultados obtidos pela pesquisadora, verifica-se que as variáveis que mais influenciaram na realização da variante rotacismo foram a posição de onset complexo, a faixa etária, a escolaridade e a sonoridade do segmento precedente.

A pesquisa realizada na cidade de Quedas do Iguaçu, Paraná, por Palhano (2016), por sua vez, teve como respaldo teórico a Sociolinguística Quantitativa, O corpus foi constituído por 12 informantes nativos da cidade de Quedas do Iguaçu, e verificou-se nos resultados a aplicação do rotacismo em 32% dos dados de fala coletados.

As variáveis sociais investigadas durante o estudo foram sexo (masculino/feminino), escolaridade (ensino fundamental completo, ensino médio completo), faixa etária (18 a 45 anos, 45 anos ou mais), trabalhar ou não fora. Quanto aos resultados obtidos, observa-se que a variável sexo não atuou com grande influência na produção do rotacismo, o sexo feminino aplicou em 51% a variante, e o sexo masculino aplicou em 49%. Na variável escolaridade, informantes com ensino fundamental completo aplicaram mais o fenômeno, com 67%, do que informantes com ensino médio completo, com 33%. No fator faixa etária, informantes pertencentes à categoria de 45 anos ou mais aplicaram mais o fenômeno, com 40%, em relação aos informantes pertencentes à categoria de 18 a 45 anos, com 22%.

As variáveis linguísticas investigadas durante o estudo foram contexto precedente (labiais, velares e vogais) e contexto seguinte (velares, vogais e demais consoantes). Quanto ao contexto precedente, dentro dos resultados obtidos, nota-se que houve maior produção da variante nas labiais [b,p,f], com 42%; no grupo das velares [k e g] verificou-se a aplicação em 27% e com as vogais 26%. Na variável contexto seguinte o grupo de sílabas velares [g-q] obteve maior porcentagem de produção, com 39%; o grupo de vogais teve uma porcentagem de 36%, e o grupo com as demais consoantes 26%. Nos resultados levantados pela pesquisadora, averiguou-se que as variáveis faixa etária, escolaridade e contexto precedente são os fatores que mais influenciaram na aplicação do rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu.

O uso da variante rotacismo pode ser averiguado também no estado de Minas Gerais, por meio do estudo de Romano e Fonseca (2015), realizado no município de Itajubá-MG. O estudo analisou o fenômeno baseado na Sociolinguística Variacionista e na Dialetoлогия. A amostra foi composta por 24 informantes.

Foram investigadas as variáveis sociais sexo (masculino/feminino), escolaridade (ensino fundamental, ensino superior) e faixa etária (18-30 anos e de 50-65 anos). Quanto às variáveis linguísticas, foram investigadas: contexto precedente, contexto seguinte, tonicidade, extensão do vocábulo, posição do vocábulo (onset complexo e coda silábica) e item lexical. De acordo com os resultados obtidos da pesquisa, a posição de coda silábica não teve influência na produção do rotacismo, ocorrendo em apenas 2 produções de 788 registros. Devido a esse resultado, os pesquisadores analisaram a ocorrência do rotacismo em posição de onset complexo.

Em posição de onset complexo, obteve-se uma porcentagem de produção de 22%. Quanto a fatores que possam influenciar a produção do fenômeno, o programa GoldVarb (utilizado para a análise de dados), selecionou apenas a variável linguística contexto seguinte e as variáveis sociais faixa etária e escolaridade. No fator contexto seguinte, obteve-se maior produção do fenômeno na vogal baixa central oral [a], 16% de aplicação, vogal média-baixa anterior [ɛ], 12% de aplicação, e vogal alta anterior [i], 14%. Nas variáveis sociais, no fator escolaridade, informantes que continham ensino fundamental produziram mais o fenômeno, com 40%, do que informantes com ensino superior, com 6%. No fator faixa etária, informantes entre 50 e 65 anos aplicaram mais a variante, com 29%, do que informantes com 18 a 30 anos, com 15%.

A partir dos estudos aqui apresentados, percebe-se que o rotacismo ainda está em uso no português brasileiro. Os informantes que mais aplicam a variante são informantes mais velhos e com menor grau de escolaridade. O fator sexo não se mostra influente na produção do fenômeno, nas pesquisas apresentadas. Verifica-se que o processo é mais recorrente em posição de onset complexo.

A intenção deste estudo, além do levantamento histórico do processo, é investigar como se apresenta no estado atual da língua o processo rotacismo, mais especialmente na cidade de Francisco Beltrão, localizada na região sudoeste do estado do Paraná. A partir da informação do papel que tendem a ter as variáveis sociais e linguísticas a análise centra nestes aspectos.



### 3 METODOLOGIA

Para a realização de uma análise sobre como o rotacismo se apresenta atualmente no município de Francisco Beltrão, parte-se de uma proposta metodológica quantitativa, seguindo os princípios metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972), e também qualitativa dos resultados. Como aporte teórico na investigação do processo histórico da variante, conforme apontados na seção introdutória, seguem-se os estudos realizados por Ali (1971), Silva Neto (1977) e Coutinho (1976), para a investigação da produção do fenômeno desde o latim vulgar ao português brasileiro, conforme apresentado nas seções anteriores.

#### 3.1 O MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO

Localizado a 474,41 km da capital Curitiba, Francisco Beltrão é o maior município da região sudoeste do Paraná, contemplando uma área territorial de 731,731 km<sup>2</sup>. Possui, aproximadamente, 91 mil habitantes, de acordo com o Censo 2019 (IBGE, CIDADES, 2016). A região sudoeste do Paraná, segundo o Plano Diretor Municipal de Francisco Beltrão (2017), é formada por 42 dos municípios. Francisco Beltrão faz divisa com três municípios sendo esses Marmeleiro, Manfrinópolis e Enéas Marques.

Segundo o site oficial da Prefeitura de Francisco Beltrão<sup>7</sup>, a história do município iniciou com um povoado formado por gaúchos e catarinenses, descendentes de imigrantes italianos e alemães, que em 1947 formaram a “Vila Marrecas”. Logo, em 1951, o distrito foi transformado em município. O que impulsionou o povoamento da região foi a instalação da Colônia Agrícola Nacional General Osorio (CANGO) em 1943, que primeiramente teve como sede o atual município de Pato Branco e posteriormente instalou-se em Francisco Beltrão. Segunda Lazier (1977, p. 17):

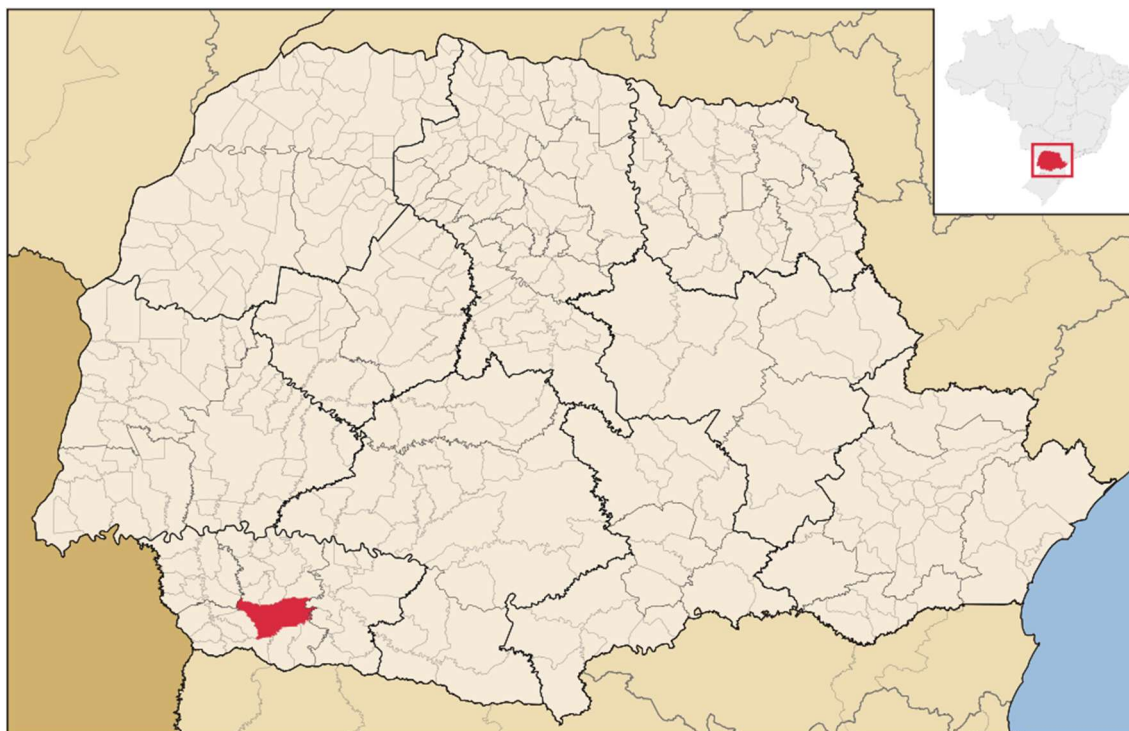
A CANGO realizou um trabalho extraordinário no povoamento e colonização da região. Uma grande parte dos primeiros habitantes foram trazidos de fato, pela CANGO, ou foram atraídos pelos melhoramentos feitos por ela. Convém lembrar que foi a CANGO que abriu picadas, estradas, construiu pontes,

---

<sup>7</sup> <<http://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/>>.

permitindo a vinda de grandes levas de colonos e o escoamento de suas produções. Convém lembrar que foi a CANGO que construiu uma serraria inicialmente em Santana e depois em Santa Rosa, para serrar madeira para a construção de casa para os primeiros agricultores. Convém lembrar que foi a CANGO que construiu o primeiro hospital e a primeira farmácia e trouxe o primeiro médico [...] Convém lembrar que foi a CANGO que construiu a primeira selaria, marcenaria, olaria, cerâmica, ferraria, oficina mecânica, para atender os primeiros moradores. Convém lembrar que a CANGO construiu a primeira escola [...]

Figura 2: Estado do Paraná – localização do município de Francisco Beltrão



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Beltr%C3%A3o#/media/Ficheiro:Parana\\_Municip\\_FranciscoBeltrao.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Beltr%C3%A3o#/media/Ficheiro:Parana_Municip_FranciscoBeltrao.svg)

Atualmente, a base econômica do município é constituída pela agricultura, agropecuária, indústria e comércio, que contribuem para que o PIB seja o segundo maior da região sudoeste do Paraná, de acordo a pesquisa realizada pelo IBGE em 2016. Por conseguinte, Francisco Beltrão torna-se referência e ganha destaque dentro da região a qual pertence.

No aspectos sócio-econômicos o município destaca-se no contexto estadual, no segmento de abate de aves, graças à BRF-SHB, antiga SADIA, que gera mais de 3.100 empregos diretos na cidade e tantos outros indiretos nos 467 aviários atendidos no município. Ainda no setor primário a região Sudoeste tem a maior bacia leiteira do Estado e o Município se encontra em primeiro lugar no ranking de produção de leite na região, com uma produção anual de mais de 75.000.000 de litros. No setor secundário destacam-se o pólo de confecções de vestuário e também o setor moveleiro concentrando um

pequeno pólo do ramo, além do setor de metal-leve na fabricação de utensílios de alumínio. O setor terciário da cidade tem grande importância regional concentrando a maioria dos serviços médicos e hospitalares e também serviços automotivos (peças e concessionárias), além de um comércio bem diversificado que cresce ano a ano. (PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2017, p. 88).

O clima predominante na região é o subtropical chegando a temperaturas elevadas no verão e a formação de geadas no inverno. Segundo Beltrão (1946 *apud* LAZIER, 1977), a temperatura nas estações mais quentes do ano varia entre 16° com máxima de 38° centígrados. Nas estações mais frias, a temperatura varia entre a mínima de -3° a máxima de 18° centígrados. Quanto ao índice de precipitação “o índice pluviométrico anual varia de 1400 a 1800 mm, com boa distribuição durante o ano todo, sendo que os meses de maior precipitação para a região são: março, abril e maio.” (PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO, 2017, p. 81).

No que se refere à hidrografia, o município é banhado por duas bacias hidrográficas, a bacia do Rio Marrecas e a bacia do Rio Cotegipe. O principal rio de Francisco Beltrão é o Rio Marrecas, esse, de acordo com Lazier (1977, p. 7):

O principal Rio dessa bacia é o Rio Marrecas que nasce em Altaneira, no município de Marmeleiro e passa dentro da cidade. Seus principais afluentes pela esquerda são: Rio Santa Rosa, Rio Quatorze, Rio Tuna e Rio do Mato. Pela margem direita o Rio Marrecas recebe apenas pequeninos riachos, como: o Lonqueador, o Urutago e outro. O rio Marrecas que nasce em Marmeleiro e desagua no rio Santana, percorre mais de 90 km o território de Francisco Beltrão. Os Rios Santa Rosa e Quatorze que tem a nascente e a foz em Francisco Beltrão, possuem a extensão de 33 km cada um. A bacia do Marrecas atinge cerca de 80% da área do município.

Quanto a área educacional, o município oferece centros de educação infantil, escolas, colégios e instituições de ensino superior. De acordo com Plano Diretor Municipal de Francisco Beltrão, realizado em 2017, pela Secretaria Municipal De Planejamento, Francisco Beltrão possui 17 centros de educação infantil e 21 escolas, coordenadas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

### 3.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Na construção dos aspectos metodológicos segue-se a proposta de Tarallo (2008), no que diz respeito à composição da amostra. Para a constituição do corpus, foram selecionados informantes nativos do município de Francisco Beltrão, de

maneira aleatória, seguindo a proposta Laboviana, incluindo indivíduos de diferentes grupos sociais; porém que compartilham a mesma comunidade. Para obtenção de informações pessoais sobre os informantes, como idade, sexo, escolaridade, lazeres, entre outros; após as entrevistas, um questionário sociolinguístico foi aplicado com o intuito de conhecer mais os informantes e utilizar esses dados durante a análise.

Seguindo a proposta de Tarallo (2008), para garantir a representatividade da amostra, tem-se como ideal um total de 5 informantes por célula, porém devido à dificuldade do preenchimento de todas as células de maneira plena e também a extensiva demanda da coleta de dados e análise, foram distribuídos dois informantes por célula. Considerando o critério de seleção adotado, a partir de três variáveis sociais que norteiam a seleção, a amostra foi constituída pelo total de 12 informantes. Esses foram estratificados seguindo os critérios de sexo e faixa etária, da seguinte forma:

Quadro 2 – Estratificação dos informantes por célula

Sexo	Informantes		
	Entre 18 e 29 anos	Entre 30 e 59 anos	60 anos ou mais
Masculino	2	2	2
Feminino	2	2	2

Fonte: autora

Esses informantes fazem parte da pesquisa “Variação fonológica em língua materna: panorama sociolinguístico das regiões centro-oeste e sudoeste do Paraná” que está sendo realizada na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Câmpus* Pato Branco. A pesquisa tem como proposta oferecer um mapeamento sociolinguístico dos processos fonológicos em variação na região sudoeste do Paraná. Foi previamente avaliada pelo Comitê de Ética em pesquisa da instituição (CAAE: 60270316.5.0000.5547) e todas as coletas são realizadas a partir do consentimento prévio dos informantes.

Os instrumentos também têm como intuito facilitar o acesso a dados linguísticos recorrentes na fala casual. Para a realização das entrevistas, foi utilizado computador portátil e gravador, essas foram transcritas na íntegra. Mais detalhes sobre os instrumentos são dados na sequência do texto.

### 3.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Para as pesquisas sociolinguísticas, o ideal é a elaboração de entrevistas de experiência pessoal, com o objetivo de minimizar o Paradoxo do Observador (TARALLO, 2008), ou seja, procurando evitar que o informante monitore sua fala, aproximando-se das formas prestigiadas. No entanto, com a intenção de utilizar instrumentos mais lúdicos, neste estudo, optou-se por contemplar formatos diferentes para a coleta, como: (i) nomeação e descrição de imagens; (ii) produção de frases e, na etapa (iii) conversa informal sobre temas diversos (educação, infância, fazer, viagens, entre outros), esta última, então, mais próxima da entrevista de experiência pessoal.

No primeiro instrumento, (i) nomeação e descrição de imagens, imagens eram mostradas ao informante, e este deveria falar o que ele estava vendo. Como exemplificam as imagens a seguir; nesse caso, se esperava que o informante falasse “calça”, caso ele utilizasse da variante rotacismo, proferiria “carça”.

Figura 3: (i) nomeação e descrição de imagens



Fonte: sites de domínio público

Na etapa de descrição de imagens, foram expostas imagens que estavam inseridas dentro de um contexto, com a intenção de que possibilitasse ao informante

descrições com maior detalhamento como sugerir uma situação, exploração de cores, objetos e local; e, também, estabelecer um diálogo sobre uma memória ou um fato que a imagem pudesse remeter.

A execução do segundo instrumento, (ii) produção de frases, tratava da leitura e memorização. Ao informante, eram apresentados slides, aleatoriamente, contendo uma frase a exemplo de: “A blusa estava muito grande”, e este era convidado a ler silenciosamente, memorizar e depois reproduzir. O alvo seria no caso a palavra ‘blusa’ (blusa ~brusa).

No terceiro e último instrumento, (iii) conversa informal sobre temas diversos, o informante deveria escolher entre os temas educação, infância, lazer, viagens, entre outros, para o estabelecimento de uma conversa informal, norteadas por perguntas, sobre a temática escolhida. Este instrumento teve um tempo de gravação em torno de 15 a 20 minutos e era sempre aplicado ao final da coleta. O informante tinha a liberdade de escolher temas ou sortear.

### 3.4 VARIÁVEIS INVESTIGADAS

As variáveis investigadas neste estudo foram fundamentadas em pesquisas anteriores sobre o processo (COSTA, 2006; PALHANO, 2016; ROMANO E FONSECA 2015; entre outros). Procurou-se averiguar o papel de variáveis de caráter social, caráter linguístico e estilístico.

Com relação às variáveis sociais, propõem-se a investigação do papel das variáveis faixa etária, escolaridade e sexo. Como variável linguística buscou-se analisar em qual posição na sílaba (coda de sílaba e/ou onset complexo) a variante rotacismo é mais recorrente; enquanto a variável estilística objetivou verificar em qual instrumento o processo se apresenta com maior incidência.

Quanto às variáveis sociais, tomando como base os estudos apresentados na seção intitulada “Rotacismo no português brasileiro atual”, espera-se que as variáveis escolaridade e faixa etária apresentem maior influência na produção da variante rotacismo. Sendo esse mais recorrente na fala de informantes mais velhos e com menor grau de escolaridade. Acerca da variável sexo, Costa (2006) indica maior presença do processo entre informantes do sexo feminino.

No que se refere à variável linguística investigada, posição de sílaba, de acordo com pesquisas realizadas por Romano e Fonseca (2015) e Costa (2006), a variante rotacismo é mais incidente na posição de onset complexo e com menor ocorrência em posição de coda de sílaba. Logo, espera-se que a produção do processo seja mais recorrente em posição de onset complexo. Com relação a variável estilística “Instrumentos”, conforme Espírito Santo (2019), o processo rotacismo tende a ser mais utilizado em uma fala espontânea, espera-se que o processo seja mais aplicado no instrumento conversa informal sobre temas diversos.

### 3.4.1 Variável Dependente

A variável dependente deste estudo é o uso ou não da forma variante rotacismo. Na análise vamos observar, portanto, a preservação de //, como em [‘blusa] e [‘palco], ou, a troca por ocorrência de rotacismo, exemplo [‘brusa] e [‘parco]. Consideramos como troca, qualquer uso de um som com valor de ‘r’, seja o tepe [r] ou outra variante. Dados como apagamento e outras ocorrências não serão considerados em nossa análise.

### 3.4.2 Variável Linguística

#### 3.4.2.1 Posição na sílaba

A variável linguística posição na sílaba é composta pelos fatores: posição de onset complexo e posição de coda de sílaba. Como visto anteriormente na seção intitulada “Caracterização do rotacismo”, as consoantes podem ocupar os ambientes de onset simples e/ou complexo e coda silábica. Segundo Collischonn (2005) a segunda posição de onset complexo pode apenas ser ocupada por uma consoante líquida // ou /r/.

A hipótese sustentada de maior incidência do rotacismo em posição de onset complexo é apontada também no estudo realizada por Espírito Santo (2019). A pesquisadora verifica em sua amostra maior número de casos do rotacismo em onset complexo.

### 3.4.3 Variáveis Sociais

#### 3.4.3.1 Faixa Etária

A variável faixa etária fundamentou-se na proposta de Eckert (1997) e procura, portanto, incluir informantes de diferentes faixas etárias que representam as fases da vida do indivíduo, tais como infância, adolescência, vida adulta e velhice. Essa compreende três fases: (i) jovens – idade entre 18 e 29 anos; (ii) adultos – entre 30 e 59 anos; (iii) idosos - idade igual ou superior a 60 anos.

A idade do falante pode apresentar relevância no uso de variantes. Conforme Naro (2004), falantes pertencentes à faixa etária adulta tendem a preservar formas mais antigas, enquanto falantes mais jovens mostram-se mais sensíveis a implementação de mudanças linguísticas.

[...] os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista: existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/ filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos são capazes de utilizar e entender todas as formas. Com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos. (NARO, 2004, p. 44).

Por conseguinte, busca-se verificar o papel da faixa etária sobre a aplicação ou não da variante rotacismo.

#### 3.4.3.2 Sexo

A variável social sexo é composta pelos fatores masculino e feminino. Fischer (1958 *apud* PAIVA, 2004), verificou em sua pesquisa intitulada “Influências sociais na escolha de variantes linguísticas”, que informantes pertencentes ao sexo feminino tendem a se aproximar mais no uso de formas prestigiadas, enquanto informantes do sexo masculino se mostraram mais sensíveis ao uso de variantes menos prestigiadas. Contudo, segundo Paiva (2004), esse resultado pode se apresentar de modo variado em outras comunidades de fala, dependendo dos valores culturais estabelecidos e dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres em cada região:



A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade as variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. A consistência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham de diversos aspectos da organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social. (PAIVA, 2004, p. 35).

Logo, verifica-se que a variável sexo pode apresentar papel na aplicação de variantes. Essa, permite apresentar comportamento variado, dependendo da organização social de gêneros da comunidade investigada.

#### 3.4.3.3 Escolaridade

A variável social escolaridade neste estudo é composta por dois fatores: informantes que possuem ensino fundamental e informantes que possuem ensino médio/superior. O ambiente escolar faz parte de uma das primeiras etapas de socialização do ser humano.

No que diz respeito ao papel exercido por essa na produção de variantes, conforme Votre (2004), a escola atua como conservadora no uso das formas prestigiadas, contribuindo para a valorização da aplicação dessas. Contudo, quanto ao uso de formas estigmatizadas, a escola colabora para a opressão da aplicação dessas que sofrem uma avaliação negativa dos membros de uma comunidade de fala.

O modo de comunicação de pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado. A forma estigmatizada é interpretada como inferior em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. Assim, criam-se consensos quanto ao caráter estigmatizado dos usuários de usuários de *framengo*, *pobrema* e *homi*. A forma estigmatizada é objeto de comentário jacosos ou rejeição explícita na comunidade discursiva. É registrado como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, sobretudo nos níveis fundamental e médio. A escola move campanhas em prol da pureza do idioma, na variante padrão, e atua constante na luta contra *barbarismos*, *solecismos* e *estrangeirismos*. (VOTRE, 2004, p. 52).

Posto isso, o nível de escolaridade do falante pode manifestar influência na produção de variantes estigmatizadas ou variantes prestigiadas socialmente.

### 3.4.4 Variável Estilística

#### 3.4.4.1 Instrumentos

A variável instrumento, como visto anteriormente na seção “Instrumentos utilizados”, é composta pelos fatores: (i) nomeação e descrição de imagens; (ii) produção de frases e (iii) conversa informal sobre temas diversos (educação, infância, fazer, viagens, entre outros).

Objetiva-se verificar em quais instrumentos a realização do processo de rotacismo é mais recorrente, se em uma fala mais direcionada sugerida por imagens e frases ou em uma fala espontânea, mais livre.

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

Após a transcrição das entrevistas e codificação das variáveis investigadas, os dados deste estudo foram analisados com o auxílio do programa *Rbrul* (versão 3.6.1) desenvolvido por Daniel Johnson em 2009, disponível no site [www.danielezrajohnson.com](http://www.danielezrajohnson.com). A utilização do programa *Rbrul* proporciona a análise de processos linguísticos por meio de regressões logísticas, permitindo também verificar quais as variáveis apresentam papel no uso do processo, em específico deste estudo o rotacismo, e averiguar o efeito de cada fator das variáveis investigadas.

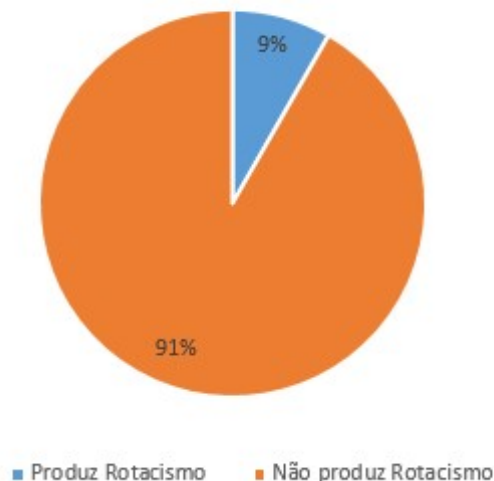
O programa *Rbrul* oferece resultados em unidade de peso relativo e *log-odds*. Considera-se o valor de 0,50, apresentado pelo peso relativo, e o valor 0, apresentado pelo *log-odds*, como ponto neutro. O aparecimento de *log-odds* positivo e peso relativo superior a 0,50, indicam favorecimento de um fator para a aplicação do processo, enquanto valores negativos para *log-odds* e peso relativo abaixo de 0,50 apontam para menor favorecimento do fator investigado.

## 4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

O levantamento inicial dos dados quanto ao uso ou não do fenômeno rotacismo na cidade de Francisco Beltrão revela uma porcentagem de aplicação do processo de 9%, em 620 dados foram localizados 56 registros do uso da variante.

Gráfico 1 – Aplicação da variante Rotacismo

### Uso do Rotacismo em Francisco Beltrão



Fonte: autora

Por meio dos dados expostos no Gráfico 1, observa-se pouca ocorrência da variante rotacismo na cidade investigada. Esperava-se que os informantes produzissem mais o fenômeno, assim como o percentual de uso de 32% de aplicação encontrados no estudo realizado por Palhano (2016) na cidade de Quedas do Iguaçu, Paraná.

Os resultados, apontando para a baixa aplicação do processo, não obstante, mostram-se semelhantes aos observados na pesquisa de Costa (2006). Nesse estudo, realizado a partir dos dados do VARSUL (Variação Linguística Urbana na região Sul), com dados da cidade de São José do Norte, Rio Grande do Sul, a autora encontrou um percentual de apenas 11% de uso do rotacismo.

#### 4.1 TOMADA DE DECISÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS RODADAS

Durante a codificação e análise de dados, observou-se que variável faixa etária apresentou um baixo favorecimento de aplicação do processo rotacismo no fator (I) jovens com idade de 18 a 29 anos. Entre os informantes pertencentes a essa faixa etária, não foram encontrados registros de aplicação do fenômeno. Nesse sentido, para não comprometer a investigação de dados logísticos oferecidos pelo programa

*Rbrul*, as faixas etárias foram reorganizadas em novos fatores, conforme se observa no quadro 3, abaixo:

Quadro 3 – estratificação de informantes por idade

Sexo	Informantes	
	Entre 18 a 55 anos	55 anos ou mais
Masculino	3	3
Feminino	3	3

Fonte: autora

Os informantes foram estratificados entre dois grupos, compreendendo basicamente duas faixas etárias: mais jovens, idade entre 18 a 55 anos, e mais velhos, acima de 55 anos.

## 4.2 PRIMEIRA RODADA

A primeira rodada foi realizada com os fatores faixa etária, escolaridade, sexo, instrumento e posição na sílaba. O programa *Rbrul* selecionou as variáveis faixa etária, escolaridade e instrumento como favorecedoras para a realização do processo rotacismo.

### 4.2.1 Faixa Etária

A primeira variável selecionada pelo programa como favorável à aplicação do rotacismo foi a faixa etária. No quadro 4, a seguir, pode-se observar os resultados apresentados pela variável.

Quadro 4 – Aplicação do rotacismo por faixa etária

Faixa Etária	Total de dados	Logodss	%	Peso Relativo
A – 18 a 55 anos	326	-1.216	6%	0,22
B – Acima de 55 anos	293	1.216	18%	0,77

Fonte: autora

Conforme o Quadro 4, a ocorrência do fenômeno rotacismo de acordo com a faixa etária permite verificar maior incidência de uso da variante entre informantes mais velhos, acima de 55 anos, que apresentam peso relativo de 0,77 e percentual de 18% de aplicação. Em informantes mais jovens, de 18 a 55 anos, houve menor incidência do processo, com peso relativo de 0,22 e percentual de 6% de aplicação.

Os resultados encontrados para a variável faixa etária demonstram conformidade com as pesquisas realizadas anteriormente (COSTA, 2006; PALHANO, 2016; ROMANO; FONSECA, 2015). Palhano (2016), a exemplo, aponta em seu estudo que informantes mais velhos (45 anos ou mais) aplicaram mais o fenômeno, com percentual de 40%, em relação aos informantes mais jovens (18 a 45 anos) com percentual de 22%. Percebe-se que o processo está mais presente na fala de informantes mais velhos.

#### 4.2.2 Escolaridade

A variável escolaridade foi a segunda selecionada pelo programa como favorecedora ao uso do rotacismo, apresentando papel na aplicação do processo. Os resultados obtidos pela variável neste estudo podem ser observados, a seguir, no Quadro 5:

Quadro 5 – Aplicação do rotacismo por escolaridade

Escolaridade	Total de dados	Logodss	%	Peso Relativo
Ensino fundamental	298	1.415	18%	0,80
Ensino médio/ superior	321	-1.415	6%	0,19

Fonte: autora

De acordo com o Quadro 5, verifica-se maior aplicação do rotacismo entre informantes que possuem ensino fundamental, com peso relativo de 0,80 e percentual de 18%. Enquanto informantes com ensino médio/superior produziram menos a variante, peso relativo de 0,19 e percentual de 6% de uso.

O resultado encontrado confirma a hipótese de que informantes com menor escolaridade produziram mais a variante rotacismo. Semelhante situação pode ser vista na pesquisa realizada por Romano e Fonseca (2015). Nessa, averiguou-se maior

aplicação do rotacismo entre informantes que possuíam ensino fundamental, com 40%, do que informantes com ensino superior, com 6% de aplicação.

#### 4.2.3 Instrumentos

A variável instrumento foi a terceira selecionada pelo programa *Rbrul*. Os resultados obtidos apontam para uma aplicação mais frequente da variante rotacismo em uma fala espontânea.

Quadro 6 – Aplicação do rotacismo conforme instrumento

Instrumento	Total de dados	Logodss	%	Peso Relativo
Nomeação de imagens	247	-0.338	7%	0,41
Descrição	149	-0.027	8%	0,49
Produção de frases	160	-0.793	5%	0,31
Conversa informal	63	1.159	28%	0,76

Fonte: autora

Conforme o Quadro 6, verifica-se maior aplicação do processo no instrumento de conversa informal, com peso relativo de 0,76 e percentual de 28%. Esse é seguido por descrição de imagens, peso relativo de 0,49 e percentual de 8%, nomeação de imagens, peso relativo de 0,41 e percentual de 7%, e produção de frases, peso relativo de 0,31 e percentual de 5%.

A maior incidência da variante rotacismo encontrada no instrumento conversa informal sobre temas diversos, condiz com os resultados encontradas por Espírito Santo (2019), a qual em sua pesquisa aplicou três instrumentos durante a realização das entrevistas: conversação sobre temáticas infância, família, trabalho, lazer, entre outros), leitura de lista de palavras, leitura de textos (notícia de jornal e depoimento). Dentre esses, a autora observou maior aplicação da variante durante a conversação, percentual de 31,5%, seguido pelo instrumento de leitura de textos, percentual de 23,8%, e leitura de lista de palavras, percentual de 21,7%.

Nesse sentido, esse resultado pode ter sido obtido devido ao menor monitoramento de fala proporcionado por temáticas que permitissem que o informante se familiarizasse com o assunto tratado, aproximando-se da fala casual, assim como sugere Labov (2008) com a realização de entrevistas de experiência pessoal.

#### 4.3 SEGUNDA RODADA

Na primeira rodada, as variáveis posição na sílaba e sexo não foram selecionadas pelo programa. Em virtude desse ocorrido foi realizada uma segunda rodada para verificar se essas variáveis apresentam ou não papel na aplicação do rotacismo.

A segunda rodada foi realizada com os fatores sexo, escolaridade, posição na sílaba e idade. A variável faixa etária não foi trabalhada durante essa rodada, devido à hipótese de que essa poderia estar inibindo a análise das outras variáveis. Logo, optou-se pela variável idade sendo considerada como variável contínua.

Na segunda rodada, o programa selecionou como variáveis que apresentam papel na produção do processo rotacismo os fatores escolaridade, idade e sexo. O programa novamente não selecionou a variável posição na sílaba.

Os resultados apresentados pela variável escolaridade e instrumentos foram semelhantes aos encontrados na primeira rodada, confirmando a aplicação do processo mais presente na fala de indivíduos com menor escolaridade e durante uma fala espontânea. Na variável escolaridade, observa-se o processo mais recorrente entre informantes que possuem ensino fundamental (peso relativo de 0,88) do que entre informantes com ensino médio/superior (peso relativo de 0,11). Nos instrumentos, verifica-se maior aplicação da variante em conversa informal sobre temas diversos (peso relativo de 0,75), e menor incidência em leitura de frases (peso relativo de 0,29).

##### 4.3.1 Idade

A variável idade foi considerada como variável contínua. Conforme as discussões apresentadas na seção metodológica 3.4.3.1 Faixa Etária, a idade do informante tende a apresentar papel relevante na aplicação da variante rotacismo



(NARO, 2004), com tendência à ocorrência de maior uso da variante conforme a idade aumenta. Os resultados obtidos sobre o fator idade são descritos no Quadro 7, a seguir.

Quadro 7 – Aplicação do rotacismo conforme idade

Idade	
Contínua	Logodss
+1	0,09

Fonte: autora

O resultado positivo de +1 oferecido pelo programa *Rbrul*, observado no quadro acima, confirma a correlação positiva entre a produção da variante rotacismo e a idade do informante, com aumento do uso da variante conforme a idade aumenta. Tal resultado reafirma a apuração de dados, realizada na seção 4.2.1 Faixa Etária, onde verificou-se que informantes mais velhos produzem mais a variante em relação aos informantes mais jovens.

#### 4.3.2 Sexo

A variável sexo foi a última selecionada pelo programa como variável que apresenta papel relevante na aplicação do processo rotacismo. Os resultados oferecidos pelo programa podem ser vistos no Quadro 8, em sequência.

Quadro 8 – Aplicação do rotacismo conforme sexo

Sexo	Total de dados	Logodss	%	Peso Relativo
Masculino	332	0.35	10%	0,58
Feminino	287	-0.35	7%	0,41

Fonte: autora

O resultado oferecido, de acordo com o quadro apresentado, em peso relativo mostra leve favorecimento para a aplicação da variante ao sexo masculino (peso relativo de 0,58), um pouco acima do ponto neutro. Informantes do sexo feminino produziram menos a variante, com peso relativo de 0,41 e percentual de 7%. Segundo

Fisher (1958 apud PAIVA, 2004), o sexo masculino tende a se aproximar mais de formas menos prestigiadas pelos membros da comunidade de fala, enquanto indivíduos do sexo feminino tendem a se aproximar mais das formas prestigiadas.

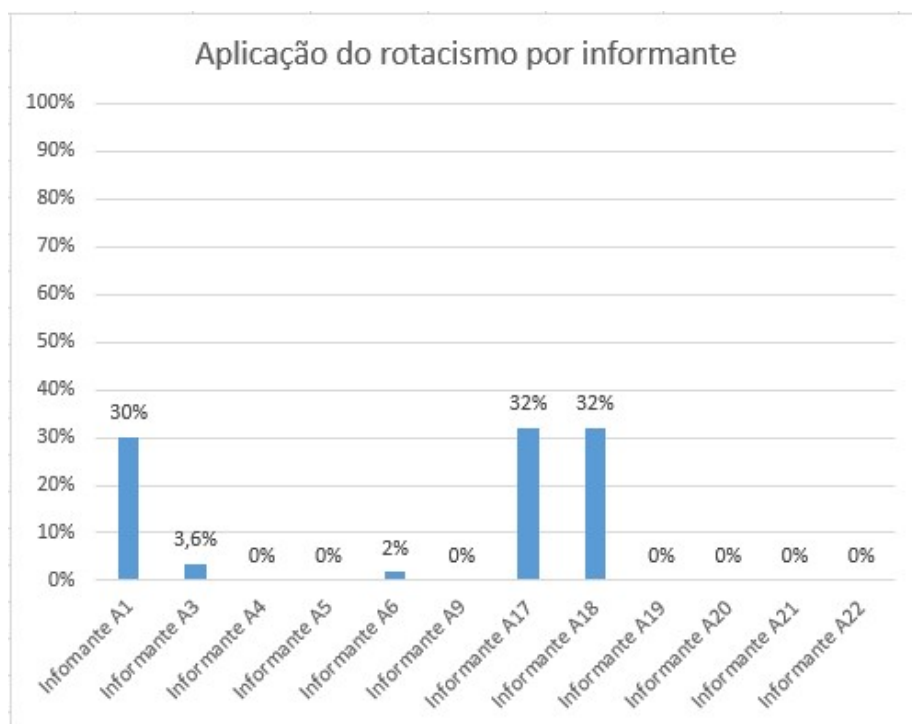
Nos estudos realizados por Palhano (2016) e Costa (2006), o fator sexo não apresentou papel significativamente influente na realização da variante rotacismo, ambas averiguaram baixo diferencial de aplicação do processo entre os sexos masculino e feminino. Em Palhano (2016), as mulheres produziram mais o fenômeno, percentual de 51%, em relação ao sexo masculino, percentual de 59%. Em Costa (2006), os homens produziram mais a variante em posição de coda de sílaba, com percentual de 7%, do que as mulheres, com percentual de 1%. Já em posição de onset complexo, as mulheres aplicaram mais o rotacismo, com percentual de 27%, enquanto os homens apresentam um percentual de 19% de aplicação.

Em concordância com os resultados obtidos nos outros estudos (PALHANO, 2016; COSTA 2006), percebe-se que fator sexo não apresenta papel significativo na produção do fenômeno, não sendo verificada considerável diferença de aplicação entre o sexo masculino e o sexo feminino.

#### 4.4 PRODUÇÃO POR INFORMANTE

Conforme a baixa aplicação do processo rotacismo na cidade de Francisco Beltrão, verificadas no Gráfico 1 exibido anteriormente (cf. seção “Descrição dos resultados”), objetivou-se observar como a variante se apresenta, ou não, na fala de cada informante individualmente.

Gráfico 2 – Aplicação do rotacismo por informante



Fonte: autora

De acordo com gráfico exposto acima, pode-se averiguar que os informantes que mais aplicaram a variante foram os informantes A17 e A18, ambos com percentual de 32%, seguidos pelo informante A1, com percentual de 30%. Os informantes A1 e A18 são do sexo masculino e ambos possuem apenas o ensino fundamental. Quanto à faixa etária, o primeiro pertence ao grupo (iii) idosos - idade igual ou superior a 60 anos, e o segundo pertence ao grupo (ii) adultos – entre 30 e 59 anos. A informante A17 é do sexo feminino, pertencente ao grupo (iii) idosos e possui/cursou ensino fundamental.

Os informantes A3 e A6 também produziram a variante, porém não apresentam percentual relevante. O primeiro exibe um percentual de 3,6% de aplicação e o segundo, informante A6, apresenta um percentual de 2% de aplicação. Esses são do sexo feminino, pertencentes à faixa etária do grupo (ii) adultos e com ensino fundamental. Os informantes A4, A5, A9, A19, A20, A21 e A22 não produziram a variante rotacismo.

Tendo em vista as características dos informantes que aplicaram a variante rotacismo, percebe-se que o fenômeno está mais presente na fala de informantes

mais velhos com menor nível de escolarização. Quanto ao fator sexo, nota-se que não há uma predominância de aplicação tanto no sexo masculino quanto no feminino

#### 4.4.1 Itens Lexicais

Pode-se observar no Gráfico 2 que o processo de rotacismo está presente em falas específicas de apenas alguns informantes. Por conseguinte, buscou-se averiguar em quais itens lexicais a variante é mais recorrente. Os itens lexicais em que houve maior aplicação do rotacismo podem ser vistos no quadro, a seguir.

Quadro 9 – Aplicação do rotacismo conforme item lexical

ITEM LEXICAL	OCORRÊNCIAS COM ROTACISMO
Verbo Plantar	7
Verbo Voltar	7
Verbo Soltar	5
Outros	10
Flor	4
Balde	4
Blusa	3
Calçado	3
Flecha	3
Bicicleta	2
Alface	1
Azul	1
Calça	1
Chiclete	1
Claro/a	1
Globo	1
Plantas	1

Fonte: autora

Conforme os resultados expostos no quadro 9, acima, observa-se que há maior aplicação do fenômeno rotacismo nos verbos plantar, com 7 ocorrências, voltar, com 7 ocorrências, e soltar, com 5 ocorrências. No item lexical nomeado “outros” foram verificadas 10 ocorrências do processo rotacismo, esse engloba palavras pouco recorrentes na amostra, entre esses estão substantivos “exemplo”, “calculadora”, “balsa”, entre outros; e os verbos “resolver”, “falta” e “implantar”.

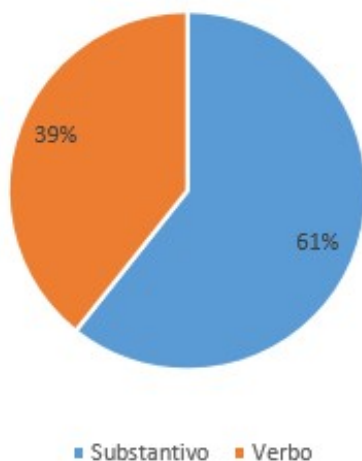
O uso da variante rotacismo pode ser visto também nos itens lexicais “flor”, 4 ocorrências, “balde”, 4 ocorrências, “blusa”, 3 ocorrências, “calçado”, 3 ocorrências, e “flecha”, 3 ocorrências. Em menor uso, a variante é utilizada nos itens “bicicleta”, “alface”, “azul”, “calça”, “chiclete”, “claro/a”, “globo” e “plantas”.

#### 4.4.2 Classe gramatical

Entre os dados que compunham a amostra deste estudo, percebeu-se o uso de duas classes gramaticais em específico, os substantivos e os verbos. Com o objetivo de averiguar em qual classe gramatical há maior manifestação do uso da variante rotacismo, buscou-se observar se o fenômeno ocorre mais em verbos ou substantivos. No Gráfico 3, em sequência, pode-se analisar os resultados obtidos.

Gráfico 3 - Aplicação do rotacismo por classe gramatical

#### Aplicação do rotacismo por classe gramatical



Fonte: autora

Conforme o Gráfico 3, percebe-se que há maior aplicação do processo rotacismo entre substantivos, com percentual de 61%. De 56 registros do uso da variante, 34 itens lexicais pertenciam a classe gramatical dos substantivos, dentre esses “flecha”, “flor”, “blusa”, “chiclete”, entre outros.

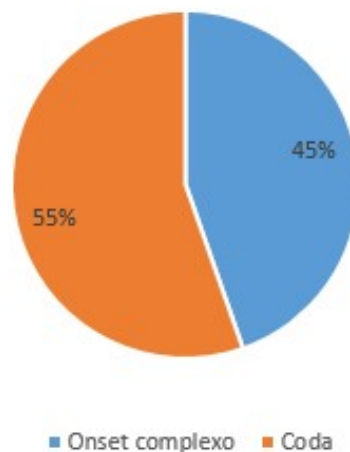
Na classe gramatical dos verbos foram registrados um percentual de 39% de aplicação da variante rotacismo, especificamente em 22 itens lexicais. Como visto anteriormente na seção 4.6 Itens Lexicais, houve maior uso da variante nos verbos “plantar”, “voltar” e “soltar”. Importante ressaltar que, pelos instrumentos utilizados, a amostra estava composta em maior parte por substantivos.

#### 4.4.3 Posição na sílaba

A variável posição na sílaba não foi selecionada pelo programa *Rbrul* durante a primeira e segunda rodada como fator relevante no uso do rotacismo. Todavia, decidiu-se realizar um levantamento dentre os dados que compõem a amostra para averiguar em qual posição silábica a variante é mais recorrente, se em onset complexo ou em posição de coda. Os resultados encontrados podem ser vistos no gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Aplicação do rotacismo conforme posição na sílaba

#### Aplicação do rotacismo conforme posição na sílaba



Fonte: autora

De acordo com o Gráfico 4, verifica-se maior ocorrência da variante rotacismo em posição de coda de sílaba (alface, calça, entre outros), percentual de 55%. Em onset complexo (blusa, planta, entre outros) tem-se um percentual de 45% de aplicação de uso do processo.

Os resultados obtidos não concordam com a hipótese inicial baseada em estudos anteriores (COSTA, 2006; ESPIRITO SANTO, 2019; ROMANO; FONSECA, 2015), de que haveria maior aplicação da variante na posição de onset complexo. Apesar de ter sido registrado maior percentual de aplicação em posição de coda de sílaba nos dados obtidos, observa-se baixa diferença do uso da variante entre as posições silábicas. Os dados geraram 291 contextos de onset complexo, nesses podem ser verificados o uso da variante em 25 dados. Em coda silábica foram gerados 329 contextos, nos quais em 31 foram registrados a aplicação do processo rotacismo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo compreender o fenômeno linguístico rotacismo por meio de uma perspectiva histórico-social do processo na formação da língua portuguesa, observando como esse se apresenta no estágio atual da língua, com base em dados de fala do município de Francisco Beltrão, localizado na região sudoeste do estado do Paraná.

Esse fenômeno que vem sendo registrado desde o latim vulgar, perpassando para o português antigo e moderno e o português brasileiro, também é verificado no estágio atual da língua, na cidade investigada, observando um percentual de 9% de aplicação da variante rotacismo. Apesar do baixo índice de aplicação, percebe-se que a variante ainda está em uso.

A análise de dados da amostra confirmou a hipótese de que variáveis sociais apresentam papel na aplicação do processo rotacismo. A faixa etária foi a primeira selecionada pelo programa *Rbrul*, revelando essa ser um dos fatores que mais apresentou papel no uso da variante. O fenômeno esteve mais presente na fala de informantes mais velhos, acima de 55 anos. Segundo Labov (2008), mudança em progresso pode ser observada pela distribuição do uso das variantes conforme a faixa etária. No estudo aqui proposto verifica-se que a variante rotacismo é mais aplicada por falantes mais velhos, e aparece em menor ocorrência na fala de informantes mais jovens. Percebe-se uma preferência da forma prestigiada entre jovens, e esse resultado pode indicar a possibilidade da forma padrão se generalizar entre as gerações futuras.

A variável social escolaridade e a variável estilística instrumento também apresentaram papel relevante no uso do processo. Na escolaridade, foram observadas maiores ocorrências do fenômeno entre informantes com menor grau de escolarização que possuíam apenas ensino fundamental. Em instrumentos, verificou-se maior incidência do rotacismo no instrumento “Conversa Informal sobre temas diversos” que conduzia a uma fala espontânea.

A variável sexo se mostrou pouco relevante no uso do fenômeno, pois quando selecionada, os resultados obtidos em unidade de peso relativo exibiram uma aproximação com o ponto neutro, indicando leve favorecimento da variável para a produção do rotacismo. Outra variável que teve semelhante comportamento foi a posição na sílaba, essa não foi selecionada pelo programa durante as duas rodadas.



Ao realizar um levantamento percentual na amostra, constatou-se uma baixa diferença percentual de aplicação da variante as posições de onset complexo e de coda de sílaba. Percebe-se que essa variável não apresenta papel na produção do rotacismo para a pesquisa realizada.

Os itens lexicais que registraram maior ocorrência do fenômeno foram os verbos “plantar”, “voltar” e “soltar”. Apesar de esses pertencerem à classe gramatical de verbos, ao averiguar a aplicação da variante entre substantivos e verbos, observou-se maior ocorrência do processo entre substantivos.

De modo geral, por meio de uma análise histórica do processo, realizada por via de captações de documentos e registros históricos, juntamente com a análise da ocorrência da variante no município de Francisco Beltrão, realizada por meio de coleta de dados, pode-se verificar que a variante rotacismo ainda é encontrada na fala de indivíduos. Logo, percebe-se que essa é uma variável ainda em uso no decorrer dos tempos (LABOV, 2008).

A variante rotacismo apresenta-se com maior incidência na fala de informantes mais velhos e com menor grau de escolarização, essa pode ser verificada em maior ocorrência durante uma fala espontânea. As variáveis sexo e posição na sílaba não apresentaram papel relevante na aplicação do processo rotacismo.

Pesquisas realizadas no âmbito da sociolinguística contribuem para o entendimento e compreensão do uso de variantes linguísticas, além de auxiliar na realização de mapeamentos linguísticos que possibilitam visualizar mudanças linguísticas. Espera-se que o estudo realizado possa contribuir para futuras investigações sobre o uso de variantes produzidas no português brasileiro no estado do Paraná, especificamente na região sudoeste.

## REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. 49<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BOAS, Cristiane M. S. V. & HUNHOFF, Elizete Dall'Comune. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim a contemporaneidade, contexto poético e social. **Rev. Moinhos**. Tangara da Serra, v. 4, n. 4, p. 108- 126, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- CAMARA JR., Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa**. 3<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTRO, Vandarsi S. **A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiro**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-133.
- COSTA, Luciane T. da. **Estudo do Rotacismo: Variação entre as Consoantes Líquidas**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- COSTA, Luciane T. da. **Abordagem dinâmica do rotacismo**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- ESPIRITO SANTO, Júlia Maria França. **Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.
- FONSECA, Cecília & ROMANO, Valter. Uma abordagem sociodialetoológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG. **Rev. Sociodialeto**, 2015.
- FRANCISCO BELTRÃO (cidade). **Plano Diretor Municipal de Francisco Beltrão**. Francisco Beltrão: Secretaria Municipal de Planejamento / IPPUB, 2017. Disponível

em: <<http://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/o-municipio/plano-diretor/>>. Acesso em julho 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/francisco-beltrao/panorama>>. Acesso em setembro 2019.

LABOV, Willian. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LAZIER, Hermógenes. **Francisco Beltrão: 25 anos de lutas, de trabalho e de progresso** – edição histórica. Francisco Beltrão, Ed. Folha do Sudoeste, 1977.

LIMA, Márcia Maria de Oliveira. **As Consoantes róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27-31.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 43-50.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

PAIVA, Maria da Conceição A. & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Fraco. São Paulo: Parábola, 2006, p. 131- 149.

PALHANO, Maria S. de A. C. Rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu. **Rev. Roca**, 2016.

PREFEITURA DE FRANCISCO BELTRÃO. **História**. Disponível em: <<http://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/>>. Acesso em setembro 2019.

SILVA NETO, Serafim da Silva. **História do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

SILVA NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2008.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIARO, Mário Eduardo. Reconstrução fonético-fonológica de seis sincronias do latim ao português. **Rev. Estudos Linguísticos e literários**. Salvador, n. 52, p. 94-145, 2015.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-57.

WIETHAN, F. M.; MELO, R. M.; MOTA, H. B. Consoantes Líquidas: ocorrência de estratégias de reparo em diferentes faixas etárias e gravidades do desvio fonológico. **Rev. CEFAC** [online]. São Paulo, vol.13, n.4, p. 607-616, 2010.

## ANEXOS

### **ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) & TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV)**

#### **Titulo da pesquisa:**

Variação fonológica em Língua Materna: Panorama Sociolinguístico das Regiões Centro-Oeste e Sudoeste do Paraná.

#### **Pesquisador(es) - responsável:**

Susiele Machry da Silva - Rua Rogério das Chaves, 1391– Pato Branco – PR\ Fone: (46)99318824

Denize Terezinha Teis – Rua Jair Tonial, 63 – Pato Branco – PR / Fone: (46) 99781922

**Local de realização da pesquisa:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Via do conhecimento – KM 1 – Pato Branco – PR \ Fone: 3220 - 2511

### **A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**

#### **1.Apresentação da pesquisa**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre variação linguística na fala. O trabalho tem como propósito geral a análise dos usos linguísticos do português brasileiro por falantes de diferentes comunidades, nesse caso, estamos incluindo no trabalho algumas cidades do estado do Paraná. A partir dos dados, se desenvolverá uma investigação de possíveis fatores linguísticos e sociais (sexo, região, idade, entre outros) - que podem influenciar no modo de falar dos indivíduos e de sua comunidade.

Os dados obtidos são de suma importância para a descrição do português falado nessas comunidades, contribuindo com outras pesquisas que se desenvolvem em diferentes regiões do Brasil. É a partir de sua participação que temos a oportunidade de acesso aos falares do Brasil, mostrando diferentes variedades e a identidade linguística de sua região.

#### **2.Objetivos da pesquisa**

O objetivo geral do projeto é investigar, a partir da criação de um banco de dados de fala, os processos de variação fonológica em cidades do Paraná, contribuindo para a descrição Sociolinguística da região. Mais precisamente estão contempladas inicialmente as cidades de Pato Branco, Bom Sucesso do Sul, Saudades do Iguaçu, Francisco Beltrão, Coronel Vivida (da região sudoeste), e Quedas do Iguaçu (região centro-oeste). Com isso, queremos contribuir também com questões voltadas à formação do professor, preconceito linguístico e trabalho com variação em sala de aula.

### **3.Participação na pesquisa**

Como o objetivo primário da pesquisa é investigar os processos de variação presentes na fala, o estudo requer coleta de dados por meio de entrevista e aplicação de experimentos, com gravação. Primeiro, você será convidado a responder um questionário com perguntas simples, sobre sua cidade, sexo, idade, costumes e afazeres. Seus dados não serão divulgados em hipótese alguma e devem ficar arquivados, sendo acessados apenas para consulta dos pesquisadores. Após este questionário, você é convidado a participar de uma atividade lúdica com descrição e nomeação de imagens e a fazer leitura/produção de frases simples. Depois, convidamos você a realizar uma entrevista; nesse caso, trata-se de uma conversa informal sobre temas diversos que envolvem sua rotina, afazeres cotidianos, a comunidade onde vive e também sobre assuntos que sejam de seu interesse. Nós precisamos gravar a sua fala em todos esses experimentos, mediante o seu consentimento para esse fim. Vamos realizar a entrevista em um local que seja acessível para você e onde se sinta mais confortável, nossa única exigência é de que tenha silêncio para fazermos a gravação. Ao participar da pesquisa, você também é convidado a doar seus dados gravados para o nosso banco de fala, se assim desejar.

### **4.Confidencialidade**

Sua identidade será preservada. Nos trabalhos realizados a partir das entrevistas, o nome verdadeiro não será mencionado. Em substituição ao nome, você receberá um número ou código.

### **5.Desconfortos, Riscos e Benefícios**

### **5 a) Desconfortos e ou Riscos:**

Embora os testes aplicados sejam simples, você pode sentir-se constrangido ou desconfortável com a presença do gravador ou por questões que envolvam dados de natureza pessoal. Quando isso ocorrer, você tem a liberdade de pedir para parar a gravação, não responder, ou mesmo desistir da entrevista. Os instrumentos foram pensados de forma a deixar você bem à vontade e, embora se faça a gravação, vamos fazer uma conversa simples, evitando qualquer constrangimento, assim como questões que possam expor sua pessoa. Caso não se sinta confortável em algum momento, comunique e sua gravação será interrompida.

### **5 b) Benefícios:**

Você não terá nenhum benefício direto ao participar da pesquisa. No entanto, ao participar dos testes e permitir gravar sua fala, você estará contribuindo para a formação do nosso banco de dados das cidades do Paraná, o que possibilitará a realização de investigações para a descrição do português, contribuindo também para o ensino, a formação de professores e, conseqüentemente, com a formação dos alunos nas escolas e universidades.

## **6. Critérios de inclusão e exclusão**

### **6 a) Inclusão:**

Estar residindo em uma das cidades: Pato Branco, Bom Sucesso do Sul, Saudades do Iguaçu, Coronel Vivida, Francisco Beltrão ou Quedas do Iguaçu. Você pode ser nativo, que vive por um longo tempo na comunidade (mais da metade de sua vida); ou, não nativo, que não tenha nascido, mas que estuda ou trabalha na comunidade por um tempo. Ter idade entre 18 e 70 anos de idade, ser homem ou mulher.

### **6 b) Exclusão:**

Pessoas que apresentam dificuldade auditiva ou dificuldade para falar; Pessoas que não sejam alfabetizadas.

## **7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo**

Garante-se o seu direito de desligar-se da pesquisa a qualquer momento, assim como da liberdade de você pedir outros esclarecimentos, se assim desejar. Além disso, mesmo após ter realizado a entrevista, você pode, se desejar, pedir para retirar sua entrevista do banco de dados a qualquer momento.

E também direito seu ter acesso aos resultados da pesquisa. Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse :

(  ) quero receber os resultados da pesquisa (email para envio : \_\_\_\_\_)

(  ) não quero receber os resultados da pesquisa

Autorizo que meus dados sejam armazenados em Banco de Dados? (  ) Sim (  ) Não

#### **8.Ressarcimento ou indenização**

Você não terá nenhum gasto para participar da pesquisa, uma vez que os pesquisadores se responsabilizam por procurá-lo e por fornecer todo o material necessário. Seguindo a resolução 466/2012, caso, eventualmente, seja necessário seu deslocamento, garante-se, o ressarcimento do valor gasto nesse deslocamento, ou, a qualquer outra despesa que você e possíveis acompanhantes venham a ter por ocasião da pesquisa, tais como alimentação, hospedagem, entre outros. Em caso de eventuais danos, decorrentes ou causados por sua participação na pesquisa, garante-se a reparação com a indenização material. Além disso, salienta-se a liberdade que você tem de informar ao pesquisador caso não se sinta bem em realizar algum teste, responder a alguma questão, ou, de ser gravado e doar seus dados para o banco.

#### **ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:**

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que estão trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre



em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4494, e-mail: coep@utfpr.edu.br.

## **B) CONSENTIMENTO**

Declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Recebi informações a respeito da maneira como serão coletados os dados e tive oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Após conversar sobre a proposta do trabalho, decidi participar voluntariamente. Ciente de que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão sobre a participação no projeto, se assim desejar.

Tendo conhecimento do tipo de pesquisa a ser realizada, manifesto concordância na gravação de minha fala nos instrumentos que envolvem esse procedimento. Diante disso, após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, autorizar que a pesquisadora faça a gravação de minha voz para fins de estudos. A gravação tem propósito único de estudo e minha voz não será divulgada em hipótese alguma.

A pesquisadora responsável esclareceu que os dados serão utilizados para uma pesquisa na área de Letras e serão, mediante o meu consentimento, armazenados, sob sua responsabilidade, para a realização de outras pesquisas, mediante autorização prévia e análise do CEP, sempre respeitando o sigilo das informações pessoais que forneci. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos.

Susiele Machry da Silva, pesquisadora responsável pelo trabalho, certificou-me de que minha identidade será preservada e de que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento. O meu nome em nenhuma situação será divulgado.

Caso tiver novas perguntas sobre este estudo, sobre meus direitos como participante da pesquisa, ou caso pense que fui prejudicado, a qualquer momento posso entrar em contato com a pesquisadora.

Depois de analisar e refletir sobre a minha participação, decidi voluntariamente participar.

Nome completo: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: \_\_\_\_\_

(ou seu representante)

Data: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com SUSIELE MACHRY DA SILVA, via e-mail: susiele.machry@gmail.com, ou telefone: (46) 99318824.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901,  
Curitiba-PR, Telefone: 3310-4494,E-mail:coep@utfpr.edu.br

## ANEXO B - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) fundamental I ( ) fundamental II ( ) ensino médio ( ) superior completo ( ) superior incompleto

Tempo de estudo em anos: \_\_\_\_\_ ( ) até 8 anos ( ) mais de 8 anos

Cidade onde reside atualmente: \_\_\_\_\_

Tempo que vive no local: \_\_\_\_\_

Já morou em outra cidade? ( ) sim ( ) não, qual \_\_\_\_\_ por quanto tempo

\_\_\_\_\_

Quantas pessoas residem com você atualmente? \_\_\_\_\_ Qual o nível de escolaridade destas pessoas? \_\_\_\_\_

Você é descendente de qual (is) país (es)? \_\_\_\_\_

Profissão que exerce atualmente: \_\_\_\_\_

Já exerceu outras profissões em sua vida? ( ) sim ( ) não Quais?

\_\_\_\_\_

Em que ambiente você passa a maior parte de seu dia? ( ) em casa ( ) no trabalho, outro: \_\_\_\_\_

O que você costuma fazer nos horários vagos?

- assistir televisão
- ouvir música/ rádio
- fazer pesquisa/ conversar na internet
- sair e conversar com amigos/ passear

Você participa de algum clube, igreja ou outro grupo na comunidade?  sim

não qual: \_\_\_\_\_

Você fala outro idioma?  sim  não

Você tem contato frequente com pessoas falando em outro idioma?  sim  não

Qual é sua principal atividade lazer? \_\_\_\_\_

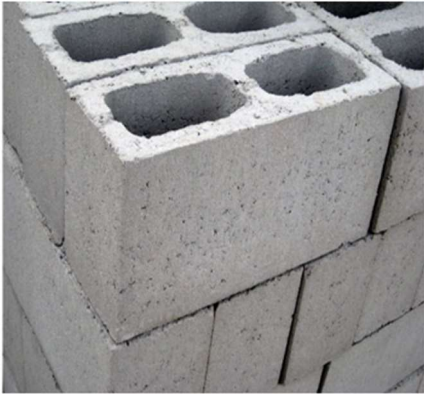
Qual atividade é mais proveitosa para você:  ler um livro  ouvir música   
assistir televisão  navegar na internet.

## ANEXO C - INSTRUMENTOS DE PESQUISA

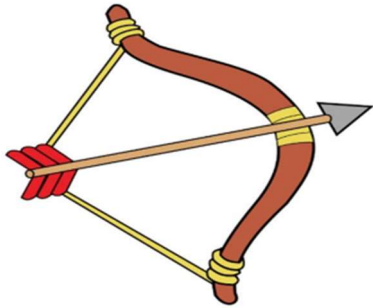
(i) Nomeação e descrição de imagens



















(ii) Produção de frases

“A **blusa** estava muito grande”

“A **bolsa** fica na parede”

“A mulher usa **salto**”

“Sara **plantou alface** na horta”

“A mulher assiste o **jornal do globo**”

“O **varal** está cheio de roupas”

“A ovelha come **plantas**”

“O pequeno índio brinca com **flecha**”

“A loja vende **calçados**”

“A menina anda de **bicicleta**”

“Usou **alfinete** para costura”

“**Clara** toca **flauta**”

“O jardim está colorido de **flores**”

“A **bolsa** é **azul**”

“O mar parece **calmo**”

(iii) Conversa informal sobre temas diversos

Tema 1- Comunidade

Tema 2 – Educação/escola

Tema 3 – Infância

Tema 4 – Lazer/viagens

Tema 5 – Culinária/gostos

Tema 6 – Sonhos

Tema 7 – Filmes e livros